

ILUSTRAÇÃO



FERNÃO DE MAGALHÃES

(Desenho de ANTÔNIO CARNEIRO)



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM. ÚNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O meu menino

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs.,
ilustrado,

encadernado, 17\$00;
brochado, 12\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

As edições da **Livraria Bertrand** encontram-se à venda na **Minerva Central**, Rua Consiglieri Pedroso - Caixa Postal 212 Lourenço Marques

USE O CREME

Rainha da Suécia

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DA-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

M. CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 - pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Acaba de ser posto á venda

NOVIDADE LITERÁRIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: O capote do Snr. "Marquinhos" - Apêgo à Dôr - Dr. Mendes "Gira" - Feira de Ano - Lúcia - Um sobretudo de respeito! - A paz do Lar - Uma espada... embaílhada! - O Barbosa de Sezins - O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . **12\$00**
enc. . . . **17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA



Tenha aos quarenta
anos o aspecto
duma jovem



A maneira mais eficaz de alcançar êste fim é alimentar a pele exteriormente com creme fresco e azeite prodigiosos. Isto impede a formação de rugas prematuras causadas por falta de alimentação da pele, falta que torna também a pele mole e lhe dá um aspecto de velhice.

O vosso farmacêutico pode preparar-vos o creme fresco e azeite nalguns dias ou V. pode comprar tudo preparado sob a forma prodigiosa e não gordurosa na preparação vendida sob o nome de Creme Tokalon.

Depois de ter empregado um boião deste maravilhoso creme, se V. não acna que êle tenha embelezado e rejuvenecido a vossa pele,, o vosso dinheiro ser-vos-há reembolsado.

Um certificado é dado com cada boião

Á VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS

Pedir documentação à secção I. L.

DA

**AGENCIA TOKALON
DE LISBOA**

88, Rua da Assunção

que atende na volta do correio



Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de **ESPAÑA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS**

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO**

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jogo

Esc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Acaba de ser posto à venda o

NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola
Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 450 páginas com 246 gravuras,
encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado	10\$00
Eurico, o presbítero (Romance). — 388 páginas, brochado	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado	96\$00
Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inqui- sição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado	20\$00

Opúsculos:

Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
> II <i>Questões públicas</i> — tomo I', 341 páginas	
> III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
> IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
> V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
> VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
> VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
> VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
> IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
> X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado	10\$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de vi gem , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

**O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —**

CONSULTEM A SAGRES

**INCENDIO
MARITIMOS**

AUTOMOVEIS E POSTAES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia,
onde estão instalados os seus escritórios

Obras de BLASCO IBAÑEZ

A adega , tradução de E. Sousa Costa - 1 vol. de 342 págs., brochado	10\$00
A catedral , tradução de Vasco Valdez - 1 vol. de 338 págs., brochado	10\$00
Cortezã de Sagunto , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 332 págs., brochado	10\$00
Por entre laranjeiras , romance, tradução de Morais Rosa - 1 vol. de 90 págs., brochado	10\$00
Flor de Maio , romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mario Sagueiro - 1 vol. de 206 págs., brochado	10\$00
Jesuítas , sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 340 págs., brochado	10\$00
Os mortos mandam , novela, tradução de Napoleão Toscano - 1 vol. de 324 págs., brochado	10\$00
Oriente , tradução de Ferreira Martins - 1 vol. de 256 págs., brochado	10\$00
No país da Arte , tradução de Ferreira Martins - 1 vol. de 274 págs., brochado	10\$00
Terras malditas , tradução de Napoleão Toscano - 1 vol. de 234 págs., brochado	10\$00
Touros de morte , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa - 1 vol. de 384 págs., brochado	10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume 15\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) - 79 págs., brochado	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES - 356 págs. brochado	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) - 408 págs., brochado	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) - 320 págs., brochado	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) - 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) - 328 págs. brochado	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) - 332 págs., brochado	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) - 360 págs., brochado	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) - 308 págs., brochado	12\$00
AS TRES MULHERES DE SAN:ÃO (Novelas) - 268 págs., brochado	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) - 286 págs., brochado	12\$00
É A GUERRA - Diário da grande conflagração europeia, - 304 págs., brochado	12\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Acaba de aparecer a

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR

JULIO DANTAS

TITULOS DOS CAPÍTULOS:

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campainha de alarme — Paz amarela — A ultima viagem — Três gerações — O homem do cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 332 págs., enc..... 17\$00
broch..... 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — —

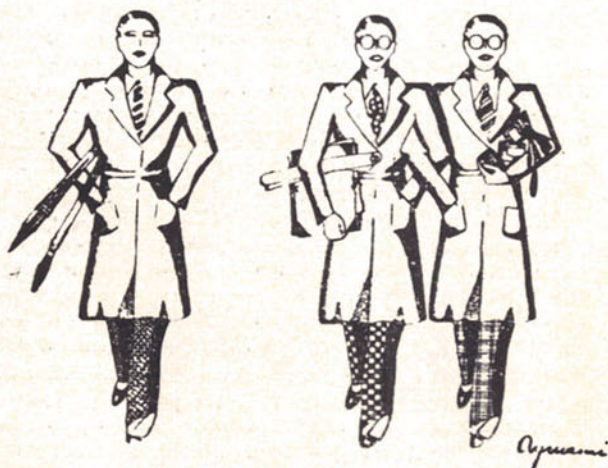
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



*Contra
todas as
dôres*

Cafiaspirina

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar aos leitores e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Ao fechar a última crónica na parte referente ao plebiscito do Sarre então inconcluso admitia-se a dúvida sobre o resultado. Fundava-se em motivos de procedência ocasional, derivados da luta partidária ferida em torno do nacional-socialismo.

Os inimigos alemães da situação hitleriana abundavam naquela província, onde desenvolviam uma actividade que a paixão multiplicava. Não resultaria daí que a gente deixasse de ser germânica, do mais concentrado germanismo; apenas consentia admitir que sentimentos e interesses particulares procurassem conservá-la desonerada do peso pouco cómodo da mão nazi.

Nesse sentido foi que a propaganda se desenvolveu e tentou mostrar-se eficiente. Notícias em circulação davam como adeptos do poder vigente em Berlim, cerca de um terço de votantes; outro terço seria pelo apartamento; haveria um último incolor.

Demonstrou o resultado que melhores raízes ganhara a campanha pela união à pátria comum. Mesmo com as responsabilidades, ou riscos que possa oferecer a entrada imediata na comunhão alemã, só uma minoria inconsiderável se recusou a entregar-se sem restricções.

Tem de reconhecer-se que o acto colectivo, por aquêle modo praticado, acusa uma consciência nobre e serena que se sobrepõe a eventualidades mesquinhas de cómodo ou melindre pessoal. Acima da contingência efémera da política facciosa prevaleceu o sentimento, com timbre de absoluto e eterno, alimentado pela ideia da pátria.

É belo e atinge tonalidade de heroico. Não nos dêa testemunhá-lo e engrandecê-lo como merece, colocando-o a par das mais elevadas demonstrações cívicas de todos os tempos; bem entendido que a cives se toma aqui no sentido profundo, ou espírito que contém.

E, assim catalogado o fenómeno, regosijemo-nos também com o seu encerramento nos termos em que se operou.

Fez-se pelo melhor, ou pela única maneira conveniente á paz do mundo e á justiça social.

Conservar o artificio, baseado em mentira que nunca acabaria por ser verdade, contrariava a consciencia humana, no seu sentido intimo da ordem. E daí não podia vir nenhuma felicidade.

Pois se aquilo era alemão porque hipocrisia, ou absurda casuística se havia de sustentar o contrario?

A pretensão de enfraquecer um corpo que ao socego europeu não convém que seja forte, apresenta-se impraticável. Em vez de mutilar, mais valia matar, no caso

CRÓNICA DA QUINZENA

de ser susceptível de dar morte á composição. Ora não é. Já se experimentou em demorada prova que organismos destes, mesmo esquartejados permanecem vivos e prontos a recompôr-se.

Entrou a Sarre no seio da Germânia, como uma alma se afunda no de Deus. Mesmo que daí não colha bem nenhum, o resto da Europa console-se com o facto de evitar o mal infalível que haveria a esperar da situação contrária.

É de supor que o ganho da causa não baste para neutralizar a agressividade de um povo que sente a guerra como predestinação de origem divina; também o é que nenhuma vantagem há em fornecer-lhe causas de excitação que exaltem o seu instinto agressivo.

Mais uma vez correram mundo vozes que declaravam iminente a rutura formal de relações entre o último rei espanhol e a consorte.

Sente-se que algum fôgo deve existir sob a fumarada, dia sim, dia não erguida no noticiário, mesmo porque o apartamento de dois seres que apenas conseguiram gerar o infortúnio, daqueles que muito deviam amar, se torna, por fatalidade do destino, explicável e até lógico. Sempre que um e outro contemplassem o espectáculo pungente do filho valetudinário e sem remédio, mercê de sina herdada, as acusações trágicas embora não proferidas, nem ouvidas, teriam ecoado nas consciências a dividi-las e semear nelas o ódio.

Que Afonso XIII e a rainha sua mulher, mãe da triste geração real, se detestassem antes da hora crítica de 1931, admitem-se como possível, senão como sentimento próprio da realeza, ao menos como próprio das realidades. Mesmo involuntária e irresponsável pelo dano causado à estirpe, não há dúvida que por ela veio a calamidade.

Poderia pois a aversão existir latente, próxima a manifestar-se, mercê de um acidente casual, ou espinha irritativa

Ora o homem, a quem embora coroado sempre incumbe o desempenho da galanteria e do cavalheirismo, numa histórica noite madrilena, sem cortezia pelas damas, sua senhora e filhas, abalou de corrida até a um embarcadouro e safou-se, deixando-as em risco.

A inglesa, se não o proferiu por querer, teria sentido os lábios articularem sósinhos a palavra da sua língua "shocking"; e mesmo sem o desejar acharia que o fugitivo não procedera como um monarca de sangue Bourbon ou Habsburgo; antes procedera como um aventureiro vulgar que foge da polícia, medroso da prisão. A crónica resada de bôca a bôca diz que desde então a descendente dos duques disto, daquilo e daqueloutro, também entroncados em raça real, nunca mais quisera ver o evadido do Paço do Oriente. Pode não ser verdade, mas justo é confessar que assentaria em rasões cortantes como navalhas a atitude assim delimitada. Que ela repudiasse o contacto do que na saída precipitada lhe deixara entre mãos o peso da corôa, tirada à pressa da cabeça, tem de reconhecer-se como impeto nascido de elemental orgulho.

Acrescente-se ao processo a insensibilidade depois manifesta pelo viajante de Seca e Meca, feliz e sorridente, com os dentes à léla através do mundo, que já nos sobram motivos para lavrar sentença justificativa do despreso da mulher.

Não vem isto para rogosijo de nossas almas portuguesas. Apenas se traz para mostrar a espécie de pessoa que em certo momento acalentou a ambição de imperar sobre nós. De character agora patente, revelado pela desgraça, vale a pena sentir a repugnância, para melhor gosar o prazer de vê-lo afastado para todo o sempre da nossa proximidade.

Também podemos aproveitar o ensejo para comparar e movermo-nos de respeito pelo porte da criança que na hora da tormenta revolucionária exilamos e no exílio se fez homem sem nunca desmerecer nem apoucar a nobresa do nome.

Entre D. Manuel II de Portugal, e D. Afonso XIII de Espanha veja-se a diferença; notemos como é grande o do país pequeno, como é pequeno o do país grande. Um nunca foi fadista; o outro não chega a ter o brio de um toureiro.

Digamos que a era dos reis desapareceu e que os ainda existentes se vulgarisaram e confundiram na turba multa dos homens, onde há os inferiores, de baixa qualidade, mercê de instinto gerado por causa misteriosa.

E assim nada encontraremos que nos espante.

Samuel Maia.



João Chagas movimento, conseguiu evadir-se, graças à cumplicidade dos amigos poveiros. Instalou-se em Espanha, onde conseguiu continuar a sua carreira como advogado distinto que sempre foi. O advento da República elevou-o a ministro plenipotenciário em Bruxelas. Apesar de toda a sua inteligência e grandeza moral, nunca disfrutou duma grande popularidade. Quando se lembraram de o indicar para presidente da República, não obteve votação.

Outro tanto não sucedeu com João Chagas que, embora colaborasse na conjura com os escritos inflamados do jornal "A República Portuguesa", de que era redactor principal, não arriscou a vida, pois, à hora em que os seus camaradas se batiam, assistia à luta de longe e binóculo assestado, duma das janelas da cadeia da Relação.

É certo que esse jornal teve uma grande influência na organização do movimento revolucionário. João Chagas e o tenente

Já lá vão quarenta e quatro anos passados como séculos!

Das figuras de maior destaque na revolta republicana de 1891 resta apenas o coronel Manuel Maria Coelho que, com a colaboração de João Chagas, escreveu a história desse ousado empreendimento tão desastrosamente concluído:

Os restantes morreram todos: uns, na maior miséria, sem terem visto os frutos da sua sementeira; outros, compensados largamente dos sacrifícios tributados em momentos de formidável temeridade.

Conhecemo-los a todos. O capitão António do Amaral Leitão, chefe militar da revolta, foi preso em Albergaria e condenado, como seria de prever. Atirado para o degredo, conseguiu fugir, para ser recapturado em seguida. Abrangido pela amnistia, tomou o rumo do Brasil, mas a sorte não lhe sorriu. Regressou, roído de saudades, e, fulto de recursos e de saúde, finou-se na maior penúria que tem sido quasi sempre o fim obrigado dos heróis visionários.

O abade Pais Pinto foi também um dos mais ferrosos caudilhos da revolução. Três meses antes da revolta, encontrava-se filiado no partido progressista. Mas, indignado contra a afronta do "ultimatum", entrou de corpo e alma na conjura republicana que deveria redimir a Pátria. Era um nobre caracter, generoso e cheio de caridade que se impunha à admiração de todos quantos o conheciam. Empoleirado nuns grandes tamancos, o fogaço abade de S. Nicolau corria seca e méca em auxílio dos preparativos da revolta. Aparecia em toda a parte a animar os revoltosos com a mesma solicitude com que ministrava o Viático a qualquer pobre agonizante que desejasse ir bem preparado para a sua última jornada. Arqueando o peito forte, onde palpitava um coração de português, dava a impressão de trazer um arnez de rija tempera como o usado, segundo se diz, pelo Santo Condestavel.

Era um verdadeiro sacerdote e um autentico heroi!

Dr. Alves da Veiga, chefe civil do



Capitão Leitão

Coelho confessam-no abertamente, na sua "História da Revolta do Pôrto", servindo-se dos seguintes termos:

"Entretanto, "A República Portuguesa", que entrava com rompante na cena dos apaixonados debates políticos, resumia primeiro o tumultuário pensamento da revolta nos inflamados escritos dos revoltosos, ainda submetidos à disciplina e já em insurreição, e passava logo a ser como que o quartel general dos insurrectos. Os escritórios desse jornal, instalados num acanhado primeiro andar da rua de D. Pedro e em frente da casa das oficinas em que se imprimia, começaram a ser frequentados, timidamente a principio, afoitamente depois, por soldados, cabos e sargentos da guarnição do Pôrto, que entravam e saíam, sem procurarem ocultar-se, tendo deixado o seu nome e trocado algumas palavras, rápidas e muitas vezes sem sentido, com o primeiro

VOLVIDO 44 ANOS

Evoca-se a revolta de 31 de Janeiro gerada e morta no coração generoso da cidade do Pôrto

que deparassem. O principal contingente deste verdadeiro voluntariado era, porém, constituído de sargentos, que raro vinham sós. Em geral, juntavam-se aos dois, ou três, subiam, declaravam sem hesitação que vinham oferecer-se à causa da revolução, que, no entanto, nenhuma das pessoas às quais elles se dirigiam pensava ainda promover ou organizar; declinaram o seu nome, alguns desabafavam: "era preciso acabar", "não havia tempo a perder", — e retiravam-se.

"Por fim, em Novembro, Dezembro, já sem temor, se juntavam aos dez, aos doze, e, de uniforme, entravam á luz do dia, na redacção do jornal."

João Chagas, tendo sido condenado nas vésperas do movimento por abuso de imprensa, dera entrada na Cadeia da Relação, afim de cumprir os dez dias de prisão impostos pela sentença, além de 50 mil réis de multa. Dali, o fogaço jornalista atravava as suas crónicas cada vez mais incendiárias. Estava-lhe na massa do sangue. De resto, tinha liberdade para tudo o que lhe desse na republicanissima gana. No noite de 30 para 31 de Janeiro, isto é, horas antes de eclodir a revolta, João Chagas escreveu a "3.ª meditação na cadeia", que o seu jornal publicou em fundo, e que no momento de ser lido pelos seus leitores, já a revolução deveria estar triunfante. Nessa noite, os brados das sentinelas pareciam enervá-lo a tal ponto que começou assim o seu artigo:

"Sentinela alerta! grita o soldado, debaixo das grades da minha janela.

"Sentinela alerta!
— Sim, alerta. Alerta, soldado, que a esta hora se trama, contra a nação, o quer que seja de monstro e terrível..."

E termina nestes termos:

"A monarquia sabe o que a espera.

Assim, a sua última tentativa de salvação é inevitável. Como o fará? Evidentemente pela audácia. É ainda o único sentimento popular que não poz á prova: — o assombro!

"Conspira, trama. Que hedionda monstruosidade sairá desse "complot", duma dinastia agonizante?"

"Sentinela alerta! grita o soldado.

"Sim, alerta! que a tua pátria, que o teu irmão está em perigo.

"Alerta!"

Na 3.ª página desse mesmo jornalinha, entre anúncios, a sensacional noticia, em normando, de ter sido proclamada a República no Pôrto, estando o movimento a ser secundado em todo o norte do país e em Lisboa.

Pouco depois, surgiu a guarda municipal e travou-se a luta.

João Chagas relata assim a ansiedade destes momentos no seu livro "Trabalhos forçados":

"Vieram dizer-me: — Estão bombardeando a Camara.

"Mas olhei.

"A bandeira vermelha lá flutuava ainda, e essa bandeira ali mantida, era ainda o sinal de que nada estava perdido. Era uma hora? Eram duas? Não me recordo. O combate, por um momento, tornou-se encarniçado, ou, pelo menos, ao ruído do tiro, parecia-me que seria assim. Aos tiros de canhão, misturavam-se os tiros de espingarda. O ar crepitava. Por último, as detonações dos tiros de espingarda foram-se tornando mais raras. Só se ouvia o canhão, quando, de súbito, deixou também de se ouvir este. E fez-se um silêncio de morte.

"Urbino de Freitas entrou na minha cela, de binóculo em punho, e disse:

"— Já lá não está a bandeira.



Rev. João Pais Pinto, abade de S. Nicolau



Alferes Malheiro

"— Onde? — interrogei com grande ansiedade.

"— Na Camara respondeu.

"— Arranquei-lhe o binóculo das mãos, corri á janela. Com efeito a bandeira encarnada já lá não estava. Aquele trapo, que era a minha esperança, havia desaparecido.

"Então compreendi tudo. Fôra a derrota.

Porque teria fracassado o movimento?"

À ÚLTIMA HORA

Porto, 31 de janeiro de 1891, ás 4 horas da manhã

Viva a República

A força militar do Porto sahido unanimemente, ás 8 horas da madrugada de hoje dos seus quartéis, sob o comando de gloria detendo o uso do fim da monarchia de Bragança em Portugal e proclamando a República.

Este movimento, esperado ha certo tempo, está posto porque para elle trabalhava activamente o partido republicano, de accordo com o elemento militar, tem um caracter acendadamente politico e suas significações são plenamente nacionaes.

As tropas que restavam foram incluídas a guarda Fiscal, no Campo da Recreação, encaminhando-se no momento para a Praça de D. Pedro, onde, das janelas da camara, se proclamou a Republica ao povo do Porto, mandando-se a esse acto a JUNTA PROVISORIA DO GOVERNO NO NORTE DO PAIZ.

Este movimento, a hora que escrevemos e as seguintes, será secundado em todo o norte de paz e em Lisboa, porque ainda está tudo determinado.

É nos materialmente impossivel desenvolver esta noticia, por isso o supplemento forneceremos ao publico os detalhes de grande interesse que acaba de consummar-se.

Neste momento, supremo na historia patria, cumprimentos nacional se faziam os successos grandiosos, quando o regate se compunha, quando a salvação da patria se fazia, bradar, na effusão do pleno sacrificio da nossa alma como os que se desfilam a viver e se despartem a morrer, bradar, a largos pulmões, emfim, em fim, emfim!

VIVA O EXERCITO!

VIVA PORTUGAL!

VIVA A REPUBLICA!

O exercito está reunido na praça de D. Pedro, esperando o momento de ser proclamado solemnemente do edificio dos Praços de Caelella a Republica.

Baremos promoveo de detalhes em supplemento.

Accordadamente com a proclamação da Junta Revolucionaria.

Annuncios

Fac simile da noticia da ultima hora publicada em "A Republica Portuguesa"

Nessa altura, corriam com insistência vários boatos que os jornais reproduziram, afirmando que "havia muitos mais militares implicados na insurreição, além daqueles que appareceram na rua". Sabia-se que "a revolta estava preparada há muito tempo e que os regimentos se encontravam minados, sem que os que tinham a seu cargo manter a disciplina disso fizessem caso ou mostrassem disso ter noticia".

"É ou não é realmente assombroso tudo isto?"



Da sinceridade do capitão Leitão, tenente Coelho, alferes Malheiro, Santos Cardoso, dr. Alves da Veiga, João Chagas, abade Pais Pinto, Sampaio (Bruno), Rodrigues de Freitas, Azevedo e Albuquerque, e Miguel Verdial ninguém tem o direito de duvidar. Na defeza duma ideia que consideravam sagrada bateram-se, arriscando a vida, a liberdade e o futuro. Dos que faltaram, tendo prometido, sob palavra de honra, o seu apoio firme, desses é que o conselho de guerra se deveria ocupar.

De resto, a revolta do Pôrto fracassou pelas facilidades oferecidas aos revoltosos que se dirigiram, num grande á-vontade, para a primeira praça da cidade como se fossem descerrar uma lápida comemorativa de feito illustre ou inaugurar uma estação telegrafo-postal que constituiria um belo melhoramento para os moradores daquêle bairro.

Correu sangue, por fim, quando toda a gente tinha já como certa a vitória republicana. Os revolucionários, ainda mal refeitos da surpresa, bateram-se bem, honrando a sua bravura e galhardia.

A sorte dos vencidos causou pena até aos próprios conservadores.

É que a revolta do 31 de Janeiro não se limitava a fazer cair um regime; ia flavar a afronta do "Ultimatum" — e isso, mo fim de contas, agradava a todos os bons patriotas, fossem quais fossem os seus credos políticos.

Do sangue derramado brotou, dezamovendo anos depois, a revolução triunfante de 5 de Outubro.

A muito nobre, leal e invicta cidade do Pôrto orgulha-se de ter sido a primeira a dar o grito de revolta, num impulso de patriotismo indomável — e tem razões para isso.

Lá na leal cidade, donde teve Origem, como é fama, o nome eterno De Portugal,

surgiram os primeiros sacrificios em prol das descobertas idealizadas pelo Infante D. Henrique, e é lá que repousa o coração do Rei Soldado que tanto palpitou pela causa da Liberdade.

FIGURAS E FACTOS

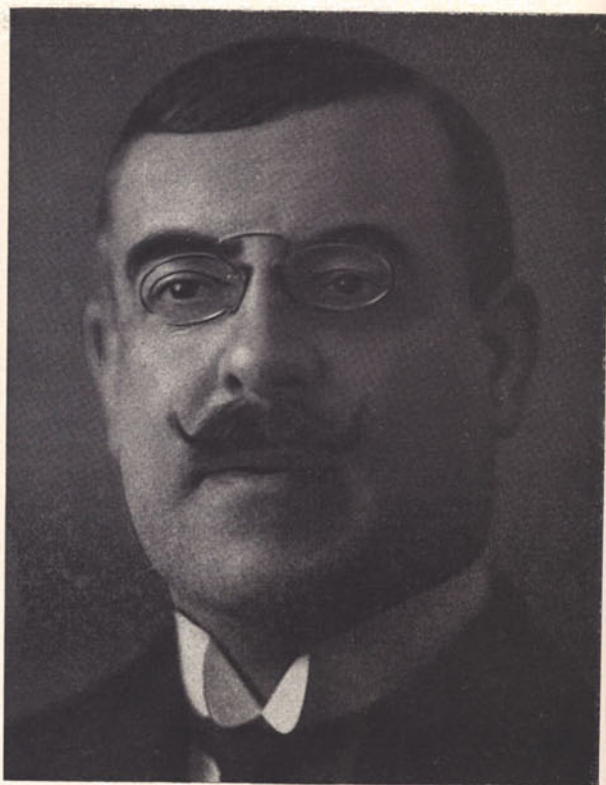
O Dia do Artista



O dia 21 de Janeiro foi destinado pelos artistas teatrais para a venda do número único dum jornal, cujo produto se destinava a reforço dos fundos das Caixas de Reformas e Pensões dos Artistas Dramáticos, futura Casa de Gil Vicente. A nossa gravura representa as actrizes Beatriz Costa e Tereza Gomes vendendo o jornal numa rua do Porto.

Melo Barreto

Faleceu em Madrid no dia 26 do mês findo, o ilustre embaixador do nosso país naquela cidade, sr. Melo Barreto. O triste acontecimento provocou profunda consternação em Portugal e Espanha. A diplomacia portuguesa perde em Melo Barreto uma das suas figuras de maior relêvo. —>



Bourbon e Meneses



Bourbon e Meneses publicou mais um livro que intitulou «Páginas de combate» no qual reuniu artigos de crítica numa expansão de trinta e seis páginas. Francamente, o poeta do «Menino», cheio de unção e bondade, também sabe ser um rude polemista que, a uma inteligência cintilante, reúne uma actividade formidável e o dom especial de saber escrever em boa prosa portuguesa.

Violento choque de camionetas



Nesta era das grandes velocidades que vamos atravessando, é quasi impossivel evitar choques violentos por maior que seja a cautela de quem guia. Chocam comboios e automóveis em terra, chocam navios no mar, e até chocam os aviões perdidos entre as nuvens. A nossa gravura apresenta o estado em que ficou uma camioneta chegada de Espanha com excursionistas e que, a caminho de Cascais, próximo de S. Pedro do Estoril chocou com uma camioneta carregada de peixe, resultando um morto e treze feridos. O que nos admira é que já os nossos avós, que não tinham a viação acelerada, usassem o estribilho: «Uma vez a Cascais para nunca mais!»

Jaime Batalha Reis



Com oitenta e sete anos, feitos na véspera do Natal, faleceu em Torres Vedras o ilustre diplomata e homem de letras que conviveu com os mais eminentes escritores do último século, e que não quis pertencer ao famoso grupo dos «Vencidos da Vida» porque sempre se considerou um vencedor. Com êle desaparece uma das mais venerandas reliquias do nosso passado.

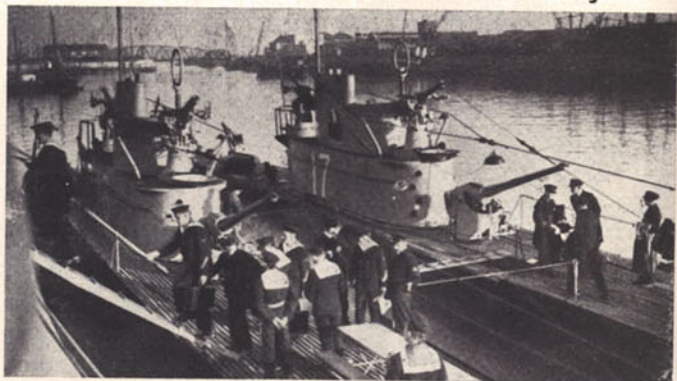
O monumento ao dr. António José de Almeida



Foi colocada a primeira pedra do monume to ao inolvidavel tribuno dr. António José de Almeida. No local escolhido ao centro da Avenida que tem o nome do grande democrata compareceram entre muitas pessoas, os srs. dr. Caetano Gonçalves, almirante Sousa Dias, coronel Mardel Ferreira, Eduardo Schwalbach, capitão Fernandes Soares, architecto António Couto, Isaias Augusto Teixeira, e Leopoldo de Almeida, procedendo-se, em seguida, á cerimonia. Ao sr. dr. Caetano Gonçalves coube a honra de dar as marteladas da praxe na pedra fundamental.

Dentro em pouco, um monumento ficará memorando a passagem dum grande patriota que tudo sacrificou para o triunfo pleno dos seus nobilissimos ideais.

A visita dos submarinos holandeses ao Tejo



Entraram há dias no Tejo os submarinos holandeses «KXVI» e «KVII» que atracaram á muralha sul da doca de Alcantara. Os filhos dum país que se tem engrandecido disputando ao mar, palmo a palmo, território e majestade vieram visitar o país que iniciou a época gloriosa das descobertas, sulcando «mares nunca dantes navegados».

Antes de seguirem para a estação naval das Ilhas Neerlandesas, onde se destinam, vieram visitar o formoso Tejo que foi o Jordão abençoado em que os grandes navegadores, sem esquecer Colombo, receberam o seu baptismo de nautas. Assim se compreende o entusiasmo com que a Armada portuguesa organizou um programa de festas em homenagem aos officiaes e marinheiros holandeses.

O castigo de Salomé

HÁ quasi dois mil anos que isto foi — e o trágico acontecimento continua a impressionar a Humanidade. A formosa Salomé, bailando com a cabeça decepada do Baptista, há-de continuar a inspirar os poetas e a absorver a imaginação dos pintores.

E, no entanto, há quantos anos isso foi!

O tetrarca da Galileia, Herodes Antipas, subordinara-se ao poder do César romano, levando a sua subserviência a mandar edificar a cidade de Tiberiades, junto do lago de Genesareth, para lisongear o imperador Tiberio. Sendo casado, repudiou a mulher para se unir a Herodias, esposa dum dos seus irmãos. Esta levou uma filha — a bailarina Salomé — que Herodes fitava com olhos cubiçosos.

Foi nesta altura que apareceu o Baptista a exprobar uma tal cadeia de adultérios. O tetrarca que, no fim de contas, não era mau, esteve algum tempo a meditar no que lhe dizia «a voz que clamava no deserto», e teria seguido o bom caminho se Herodias não intervisse com a sua maldade viperina. Herodes, depois de muito instado, consentiu em mandar prender o profeta.

Mas isso não bastava a Herodias. O encarcerado rugia os piores insultos através das grades da prisão. Era preciso sufocar-lhe a voz na garganta, e, para isso, nada melhor do que decepar-lhe a cabeça. A dificuldade estava em convencer o tetrarca.

Quando Herodias teve a suspeita de que o marido andava rendido de amores pela enteada, sofreu o seu amor próprio ofendido, e decidiu tirar dêste mal o maior proveito possível. Salomé não se esquivaria aos galanteios do tetrarca desde que êle, sob juramento, lhe concedesse uma graça que depois diria o que fôsse.

Uma noite após o festim, Herodes pediu a Salomé que bailasse para o distraír. O «bailado dos sete veus», por exemplo. A dançarina fez-se rogada. Sentia pejo em desnudar-se diante do tetrarca.

— Concedo-te o que quiseres, tudo o que quiseres, entendes?

— Tudo o que eu quiser?

— Tudo. Aqui tens o meu anel como prova do juramento que faço. Baila, pois, Salomé.

E Salomé bailou. O seu corpo trigueiro, coleante como uma serpente com cio, ia-se desnudando a pouco e pouco, ante o olhar estarecido do tetrarca.

Quando caiu o último véu, estava completamente nua.

Fez então o pedido: «Quero a cabeça do Baptista!»

— Ah! não, isso não — protestou Herodes — Iokanan é um enviado do Senhor. Tudo, menos isso.

— Juráste, Herodes! — rugiu a esposa com olhos ardentes como duas brasas — juráste conceder a Salomé tudo o que pedisse. Ela tem o teu anel como prova. Juráste, pois.

— Que se cumpra o juramento — murmurou o tetrarca abafando um suspiro.

Entretanto, do fundo da prisão, ribom-



bava «a voz que clamava no deserto», atroando todo o palácio:

— «Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura?»

Pouco depois, aparecia um soldado com a cabeça do Baptista numa salva de prata.

Cumprira-se a sentença.

— A ira do Senhor virá sobre nós, Herodias — soluçava o tetrarca — o sangue dêste justo cairá sobre a nossa cabeça.

Decorridos meses, foi preso Jesus. Pilatos, para se esquivar à responsabilidade, mandou o réu a Herodes para que êle decidisse como melhor entendesse. O tetrarca, por sua vez, enviou o preso para o Sumo Pontífice Caifás que forçou Pilatos a consentir na execução, embora «lavando as mãos do sangue dêsse justo».

Seis anos corridos sobre a Tragédia do Calvário, o tetrarca Herodes Antipas foi derrotado pelo seu genro Aretas, rei dos árabes. Entendendo ampliar os seus poderes para estabelecer uma mais sólida defesa, decidiu ir a Roma pedir a Calígula o título de rei. Acompa-

nhavam-no Herodias e Salomé. O imperador recebeu o tetrarca com o sobrenome carregado. Respondeu às suas súplicas, ordenando o seu exílio para a Gália, despojado de todos os seus bens e estados. Herodes seguiu para Lyon, onde morreu pouco depois na mais atroz miséria, roído de vermes e pedindo esmola.

Segundo as investigações do padre Flórez, Salomé fugiu para a Espanha, horrorizada com o triste fim do seu padrasto.

E, assim, os habitantes de Lérida puderam contemplar essa mulher formosíssima, que bailava diante dêles com as carnes ciingidas por grinaldas, à moda judaica.

De resto, Salomé não podia fazer outra coisa senão dançar. Todo o seu corpo estremecia tornado ritmo.

Diz o citado padre Flórez que, «uma noite, bailando a princesa Salomé sobre o rio gelado, a espessa crosta rompeu-se, e o corpo da bailarina afundou-se na água até o pescoço. Neste momento, a massa de gelo, voltando a juntar-se, degolou a bailarina, cuja cabeça saltou macabramente».



Henry Morgan, o famoso buccanero

chamas. Animado por esta vitória, Morgan preparou então o ataque à praça forte de Porto Belo, principal núcleo da resistência dos espanhóis. Era uma tentativa ousada, mas Morgan saiu dela vitorioso. Porto Belo caiu em seu poder e os habitantes foram submetidos às maiores torturas para revelar onde tinham escondido os seus tesouros.

As autoridades inglesas de Jamaica protegiam o pirata, cuja actividade ilegal servia os seus interesses contra a Espanha. Assim, em 1669, Morgan voltava a reunir os buccaneros para uma expedição contra a cidade de Maracaibo. Para assentar no plano do ataque, Morgan reuniu os chefes dos buccaneros a bordo do seu navio. Durante a reunião, a explosão dum paiol de munições destruiu o barco. Poucos

S.^o HEN. MORGAN

A pirataria ocupa na história dos povos um lugar importantíssimo. Foi conhecida em todas as épocas e ainda hoje se pratica no litoral da China e no interior de alguns dos seus grandes rios como o Yang-Tsé-Kiang, a despeito de todos os esforços da civilização para lhe pôr còbro.

A História de Portugal abunda em referências aos piratas que, atraídos pelo êxito dos nossos descobrimentos muitas vezes criaram sérios embaraços à navegação. No reinado de D. João III um audacioso corsário francês chegou mesmo a forçar a entrada do Tejo e a ameaçar Lisboa, ao tempo fortemente defendida.

Também na Índia os piratas portugueses conhecidos pelo nome de *chatins* se tornaram célebres pelas suas proezas.

Muitos dos factos que aos piratas se referem têm um acentuado carácter romanêsco que tem seduzido muitos escritores. Evoquemos alguns, de entre os mais assinalados da História.

Um dos mais célebres piratas de todos os tempos foi Henry Morgan, cuja recordação ainda hoje perdura nos livros de aventuras.

Morgan era filho dum lavrador. Povo sabe sobre os primeiros anos da sua vida. Estabeleceu-se na Jamaica e juntou-se aos buccaneros, estranha e sinistra escola de piratas cuja importância aumentava então rapidamente.

Teve um papel secundário em diversas expedições às costas das Honduras, depois do que subiu a ribeira de San Juan e atacou Granada que pôs a saque e incendiou.

Na tomada da cidade de Coração, Morgan teve pela primeira vez o comando dum barco. Passado tempo, quando o chefe dos buccaneros, Mansfield, foi preso pelos espanhóis e condenado à morte, Morgan foi eleito para o substituir.

À frente de 500 homens tomou Puerto Príncipe, cidade do interior de Cuba que lhe pagou um tributo de mil bois para não ser pasto das



Júlio Cato César

dos que ali se encontravam escaparam vivos. Morgan foi um desses povos. Apesar do desastre, a expedição fez-se. Maracaibo conheceu os horrores da guerra e do saque.

O governador de Jamaica deu então ordem a Morgan para organizar uma esquadra e atacar os navios e portos espanhóis. Este facto dava à expedição um carácter militar, mas na realidade tratava-se de pura pirataria. Os marinheiros não tinham soldo e, assim, o produto das pilhagens pertencia-lhes como era de uso entre os buccaneros.

Morgan atacou então Panamá e destruiu a cidade. Mas dois anos antes, a Inglaterra e a Espanha tinham feito um tratado, e o governo espanhol protestou enérgicamente junto de

Miguel de Cervantes Saavedra



BANDIDOS DO MAR

Os romances da pirataria
Aventuras de alguns corsários célebres e captivos ilustres

Carlos II contra esta proeza do pirata. Morgan foi então preso e levado para Inglaterra para ser julgado pelo crime de pirataria.

Escusado será dizer que o tribunal não condenou o homem que era considerado por todo o povo britânico como um herói nacional. Carlos II armou-o cavaleiro e nomeou-o governador da Jamaica, onde veio a morrer muito respeitado, depois de ter ocupado os mais altos cargos na administração daquela colónia.

Duas mulheres se celebrizaram como piratas — Ana Bonney e Maria Read.

A primeira era irlandesa, filha dum advogado de Cork que se estabelecera nas Carolinas. Dotada dum carácter turbulento, cedo se tornou tristemente célebre. Começou por matar uma criada inglesa à facada. Depois casou-se clandestinamente com um marinheiro. O pai quando soube disto expulsou-a de casa e o marido embarcou não se voltando a ouvir falar d'ele.

Ana Bonney apaixonou-se então por um célebre pirata conhecido pela alcunha de «Calico Jack», que era o terror daquelas paragens. Aceitou partilhar a sua sorte e embarcou no navio do corsário disfarçada de marinheiro.

Durante a «lua de mel», Ana bateu-se como um verdadeiro pirata, dando provas dum invulgar coragem. Mas em Outubro de 1720 um barco enviado pelo governador de Jamaica para prender «Calico Jack» venceu os piratas que ofereceram fraca resistência. Só Ana Bonney e uma sua amiga, de nome Maria Read, lutaram corajosamente, o que não evitou que fossem presas. Conduzidos os piratas todos para Jamaica

foram julgados e condenados à morte. Ana obteve que a sua execução fôsse adiada por se encontrar grávida. Não se conhece ao certo o destino que lhe foi dado, mas há razões para crer que não chegou a subir ao cadafalso.

Como dissemos, juntamente com Ana Bonney, foi presa Maria Read, outra mulher-pirata célebre. A vida desta é uma série de estranhas aventuras que toca as raíais do inverosímil.

Sabe-se que era filha duma viúva que a educou como rapaz. Com a idade de 13 anos empregou-se como pagem duma aristocrata fran-



Ana Bonney, famosa mulher pirata

cesa. Esta vida monótona não lhe agradava, porém, e alistou-se num barco de guerra. Ao fim de algum tempo, fadigou-se desta profissão e assentou praça num regimento. Ai apaixonou-se por um camarada de armas a quem revelou o segredo do seu sexo. Casaram-se e estabeleceram-se em Breda com uma estalagem a que deram o nome de «Três ferraduras» e que ainda hoje ali existe.

Quando o marido morreu, Maria Read voltou ao exército e pouco tempo depois embarcou como marinheiro com destino às Antilhas. No caminho caiu nas mãos dos piratas a quem se juntou sem lhes revelar o seu verdadeiro sexo.

Durante algum tempo, Maria Read trabalhou ombro a ombro com os corsários tomando parte em grande número de abordagens. Numa delas capturaram um marinheiro por quem ela se apaixonou. Entre o cativo e um dos piratas surgiu uma contenda que, segundo as praxes, devia ser derrimida num duelo. Maria Read devia ter pouca confiança na valentia do homem por

S.^o Vicente de Paulo, que esteve captivo dos piratas

quem se apaixonara e a prova é que conseguiu arranjar as coisas de modo a bater-se ela em primeiro lugar com o pirata. Hábil no manejo da pistola, matou o seu antagonista e declarou depois a sua paixão ao jovem marinheiro com quem passou a viver.

Foi então que «Calico Jack» e os seus companheiros foram capturados. Maria Read teve a sorte dos outros. Condenada à morte, expiou os seus crimes na forca.

Um dos objectivos dos piratas era o aprisionamento de viajantes. Exigiam depois elevadas quantias pelo seu resgate e quando as suas pretensões não eram satisfeitas vendiam os cativos como escravos.

A História regista os nomes de alguns personagens célebres que caíram nas mãos dos piratas. Júlio César foi um deles. Expulso de Roma pelo ditador Sylla, por pertencer ao partido de Mario, o ambicioso político dirigiu-se por mar para a ilha de Rhodes. Resolvera ocupar a ociosidade a que o banimento o torçara aperfecendo-se nas letras e na eloquência para que se julgava especialmente fadado.

Quando o navio que o conduzia costeava a ilha de Pharmacusa, no mar Egeu, saíram-lhe ao caminho várias embarcações de piratas. Debalde o navio tentou escapar à abordagem. Após poucos minutos de luta caiu nas mãos dos corsários.

Prisioneiro dos piratas, Júlio César foi conduzido para local seguro, enquanto se esperava o pagamento do resgate que o próprio cativo fixou em cinquenta talentos, quantia fabulosa para a



Maria Read, outra mulher pirata

época. Durante esse tempo César não cessou de dizer que, no dia em que recuperasse a sua liberdade, tiraria desforra dos seus captores fazendo-os crucificar. Mas os piratas não tomavam a sério esta ameaça.

Ao fim de 38 dias o dinheiro do resgate chegou. Júlio César foi restituído à liberdade e o seu primeiro cuidado foi armar alguns navios com que deu caça aos piratas, conseguindo prendê-los e recuperar o dinheiro que dera. Cumpriu a sua promessa mandando crucificá-los, mas num gesto de magnanimidade ordenou que fossem previamente degolados para que o sofrimento não fôsse tão prolongado.

Outra presa ilustre dos piratas foi Miguel de Cervantes Saavedra. O genial autor de «D. Quixote» tomou parte na batalha de Lepanto sob as ordens de D. João da Austria e ali perdeu uma mão. Em 26 de Setembro de 1575 regressava a Espanha acompanhado por seu irmão Rodrigo quando o navio em que viajavam foi atacado pelos piratas comandados por Arnaut Memi. Levado para Argel, Cervantes foi vendido a um grego. Este conseguiu encontrar no escravo uma carta de recomendação e vendeu que ele tinha certa posição social exigiu por ele um pesado resgate.

Cervantes fazia, entretanto, diversas tentativas para se evadir. Todas se malograram. Só ao fim de cinco anos o resgate foi pago e ele pôde voltar a Espanha para compôr a obra que o havia de immortalizar.

S. Vicente de Paulo foi outro prisioneiro ilustre dos corsários, em cujas mãos caiu no decurso duma viagem de Marselha a Marbonne. Exposto num mercado de escravos, foi adquirido por um alquimista que procurava descobrir a pedra filosofal. Este legou-o em testamento ao sobrinho com quem S. Vicente se ocupava em profundas discussões teológicas. Finalmente, o santo logrou converter um dos seus donos à religião católica e recuperou, assim, a liberdade.

Os factos que deixamos citados demonstram a enorme influência que os piratas tiveram em todas as épocas. O relato completo das suas proezas constitui um dos mais curiosos aspectos da História da Humanidade.



A criança é o elo mais forte que prende um casal. Não será assim de uma forma geral, mas há ainda muito quem respeite esta linda cadeia e goste de vêr-se preso nos seus anéis.

A gente de coração até se espanta de que haja criaturas que não sintam ou não saibam compreender o encanto desta grilheta que é o amor dum pequenino ser que só tem no mundo como amparo os seus paisinhos.

Podiam fazer-se todas as loucuras — se é que forçoso é fazê-las — mas sem dismantelar o seu lar, em cujas ruínas se perderia a felicidade destas mimosas flores de carne que são os nossos filhos. A vista de uma criança devia bastar para nortear cabeças por momentos desvairadas por exigências caprichosas dos sentidos. Infelizmente os espíritos fracos, não podem lutar com os ímpetus carnis que muitas vezes conduzem até ao crime, e daí tanto par infeliz, tanta casa sem pão e sem guia.

E não vale culpar só o homem, neste

O ELO MAIS FORTE

desmanchar de lares, um dia prósperos e felizes, porque a mulher também dá o seu contingente abastado para êsse descalabro.

Psicólogos distintos e psiquiatras capazes dão-se as mãos para afirmar que a pobre humanidade não pôde reagir contra os ventos de insanias que de todos os lados a batem, nem contra as bizarras dos seus nervos destrambelhados.

Eu acredito nestas teorias e ponho-lhes por cima o fatalismo do destino, em certos casos.

Mas... — esta conjunção adversativa não pôde passar sem combate — mas circunstâncias aparecem em que a força de vontade pôde vencer naturais tendências, senão a fatalidade.

De dois casos sei que provam bem que uma pessoa consegue reagir contra a tentação com probabilidades de êxito.

No primeiro caso, uma mulher casada, com uma filhinha que adora, ama pela primeira vez um homem que não é o seu marido.

Casou sem amor, por imposição dos pais e, como todos nós temos que receber a seta do filho de Venus, dê por onde der, a creatura chegou a êsse ponto da vida presa por compromissos tomados que a impediam de responder à chamada do irrequieto Cupido.

Era honesta, a filha representava o seu bem supremo e receava perdê-la, escapando-se do lar comum.

Por outro lado, a atração do intruso exercia-se violentamente sobre a sua carne, ávida de novas e sonhadas sensações.

Sofria horrores, entre duas solicitações igualmente fortes e ambas aliciadoras: os beijos da criança adorável nascida das suas entranhas, e êsses outros beijos ardentes, fantasiados tanta vez, e agora ali mesmo tão pertinho, que bastava um simples gesto de assentimento, um monossílabo apenas para que em aluvião viessem encher a sua bôca do ambicionado amor.

E não fez êsse gesto, nem pronunciou o *sim* que a libertaria de seus tormentos, mas que lhe daria o eterno remorso.

Porque esta mulher era mãe, antes de ser amante, e êsse amor que redime das maiores torpezas segurou-a à beira do abismo que lhe escondiam as rosas que lhe embelezavam a entrada.

E salvou-se. E ficou no seu lar, abraçada à filhinha querida, cujo sorriso vale por todos os prazeres que o mundo podia oferecer-lhe, e que mais tarde se transformariam noutras tantas desilusões.

Na segunda história, é o homem o protagonista atraído por milhares de loucuras e sabendo fugir-lhes, porque tinha um filho da mulher com quem vivia, que não era sua esposa diante dos homens, mas aceite perante Deus.

Inteligente, simpático, pretendido, com um nome cercado de uma certa auréola, de notoriedade, não lhe faltavam requesitos de fêmeas a desviá-lo da companheira escolhida.

Êsse homem, usando da liberdade que lhe dá o seu sexo, porque, como diz a canção,

*«beija o homem tanta boca
e nada lhe fica mal»*

aproveitava algumas das suas fortunas em amor venal, mas ligeiramente, superficialmente, vem deixar nelas uma parcela que fosse da sua alma, que essa pertencia tôda inteirinha à mãe do seu filho.

Conheço as duas criaturas heroínas destes dois casos e entendi apresentá-las como exemplo.

Ouvi os desesperos da mulher a debater-se entre a matéria e o espírito e as confidências do homem, extasiado com a felicidade de ter um filho que continuasse o seu nome.

E dizia-me êle:

— «É tão bom, tão doce, o sentimento de ternura que me invade, quando falo com a minha companheira do futuro do meu rapaz!

«Com as outras são apenas os sentidos que têm a sua parte. Com ela, com a mãe do meu filho, é o coração que se enche de júbilo.»

«E os cuidados que nos unem num pensamento único: fazer a felicidade do nosso pequeno!

«Facilitar-lhe a luta pela vida?

«E quantas apreensões irmanam constantemente as nossas almas! Que nós não sabemos qual será a sua sorte. Já o poeta o disse:

*Quando o pé dos nossos filhos
Pisa o chão a vez primeira
Ou se rasga um negro abismo
Ou nasce alguma roseira!*

Ponham aqui os olhos aquelas e aqueles que estão em vespas de arruinar a sua casa e desfazer a alegria de uma família.

Não há amplexo que valha os braços de um meudinho que une no mesmo abraço o homem e a mulher que lhe deram a vida.

Mercedes Blasco.

A célebre fábula da cigarra e da formiga que Esopo inventou há muitos séculos e Lafontaine adaptou engenhosamente, chamando-lhe sua, teve sempre uma grande oportunidade, especialmente entre as mulheres.

Houve já quem pretendesse inverter a moral da fábula, dizendo que Deus, ao saber da sovínice da formiga, decretou:

“Que essa infame avara seja condenada a viver num buraco sem luz e sem ar e que nunca lhe seja suavizada a sua miséria. Quanto à cigarra, como levou a vida a cantar para alegrar os pastores, que tenha sempre à sua disposição os prados floridos com tôdas as suas galas.”

Deve ter sido assim, porque Jesus disse no Sermão da Montanha: “Porque vos afadigais? Não vêdes os lírios da campina? Não fiam nem tecem, e, no entanto, vestem dum branco tão fino como não foi usado pelo proprio rei Salomão. Não vêdes as aves? Não trabalham e o Pai do Céu encarrega-se de lhes dar de comer.”

Ora, como há mulheres formigas, também há mulheres cigarras — e muitas.

Vem a propósito citar a vida de Sophie Arnould, a actriz galante que encheu de encanto a Ópera, e de amor o Palais Royal, durante mais de vinte anos. Uma verdadeira cigarra que mereceu a admiração dos Goncourt que lhe reviram e publicaram as Memórias, livro cheio de malícia e frases espirituosas, que causou sensação. Nascida em Paris, em pleno carnaval de 1740, tinha um certo orgulho em ter sido dada à luz no próprio quarto onde foi assassinado o almirante de Coligny e onde morrera a bela duquesa de Montbazon.

— “Vim ao mundo por uma porta célebre — dizia ela — devo ir longe.”

E foi. Discípula dilecta de Gluck, fez a sua estreia no Teatro da Ópera aos dezassete anos de idade, interpretando os papeis de Euridice, Ifigénia e Tisbe com uma arte antiga sem deixar a sua graça sempre nova. Pode dizer-se que foi tão sumptuosa na vida como na cêna. Na sua casa, na Chaussée d’Antin, principescamente enfeitada com quadros célebres, estátuas preciosas e tapetes raros, dava festas imponentes a que não faltavam escritores como Beaumarchais; filósofos como Adanson; naturalistas como Faujas de Saind-Fond, nobres como o conde de Brancas — a fina flôr do seu tempo. Por vezes, apareciam também a duquesa de Nivernois, a princesa de Conti, e até a régia favorita Antonieta Pompadour, rodeada de ministros e cortesãos, de poetas e abades.

Nas encruzilhadas da intriga cénica lutou e triunfou de rivais tão poderosas como as senhoras Vestris e Dubois, belas magnificas e artistas geniais.

Dizia-se que o talento de Sophie Arnould, sendo flexível, ágil e astuto, era uma cristalização afortunada da Graça e do Feitiço. Os embaixadores estrangeiros cobriam-na de diamantes.

Os duques e os pares ofereciam-lhe carros esplêndidos, e os príncipes de sangue disputavam os seus sorrisos.

Que mais poderia ela desejar? Esbanjava às mãos cheias tôda a riqueza que lhe atiravam aos pés sem se preocupar com a decadência que há de vir atingir todo o mortal. Era a cigarra...

Murville, o poeta da moda dedica-lhe, no “Journal de Paris”, em 1777, estes versos:

*Le Temps cruel, qui détruit tout,
respectera Sophie,
par son pouvoir, le dieu du Goût
prolongera sa vie...*

Sophie Arnould — a cigarra

A Revolução Francesa veio abalar-lhe todo o prestígio. Quando os agentes do Comité Revolucionário a interrogaram sobre a sua conduta, Sophie Arnould respondeu:

— “Meus amigos, fui sempre uma cidadã muito activa e conheço pelo coração os Direitos do Homem.”

Afinal, a previsão do poeta Murville não se cumpriu.

O deus do Gôsto prolongou, é certo, a vida da famosa artista, mas não a salvou da mais horrível miséria que pode imaginar-se — a velhice sem conforto.

A desventurada, escrevendo a Belanger, dizia-lhe:

“Todos os dias da minha existência foram belos e ditosos. Quem mos devolvesse!”

Recordava e sofria.

Envelheceu em meses, e, em poucas horas, ficou reduzida a nada. As suas cartas são as duma pobre envergonhada, arrastada pela corrente da adversidade, vencida sem luta e rendida sem condições.

Não se compreende, francamente, tanta humildade. O ídolo de príncipes e poetas, o astro da Ópera, a musa das canções populares, vê-se forçada a vender a sua quinta, regressa a Paris, passa a viver numa mansarda, e come os sobejos da sua porteira!

Quem poderia prever uma tal fatalidade? Essa mulher formosa, que La Tour e Greuze retrataram em quadros que ficarão eternos, via-se reduzida à mais extrema desgraça.

A cigarra implorava a protecção da formiga usurária que lhe recusou o mais ligeiro auxílio, embora o Supremo Criador tivesse decretado o contrário. Após a sua queda, êsse mesmo público que a tinha aplaudido na Ópera, uivando de entusiasmo, cuspiu-lhe, por fim, ao vê-la atravessar as ruas, andrajosa e decrépita, mumificada na sua própria dôr!

Que havia sido feito da formosa cantora que deslumbrára multidões no papel de Thelaire do “Castor e Pollux”, de Rameau, ou na “Iphigénie en Aulide”, de Gluck!

Restava aquele farrapo humano que tôdas as artistas de hoje devem ter sempre bem presente... Arrastou a sua miséria até aos 62 anos de idade.

Após a morte, recordámo-la como a cigarra da fábula de Esopo, embora desejando que se cumpra o decreto divino, isto é, que lhe seja dado o melhor lugar no prado flôr da nossa imaginação. E talvez o tenha porque bem o mereceu.





O côro Néapoleone Buonaparte que, naturalizado francês, conseguiu ser imperador da França e o açoite do Mundo, teve fraquesas inconcebíveis que a História regista e os documentos que vão aparecendo continuam a registar.

Esta vez apareceram à venda em Londres 318 cartas de Napoleão dirigidas a sua mulher Maria Luísa que, apesar da vigilância de que o marido a rodeava, pouco tempo tinha para as lêr.

Essas cartas, esquecidas durante muito tempo num velho castelo austríaco, patenteavam tão flagrantemente o génio, o carácter e a alma do famoso guerreiro, que seria pena perdê-las. Por isso o governo francês não regateou a verba de 1.250.000 francos para a aquisição dessas 318 missivas que vinham documentar algumas das mais belas páginas da História da França.

No fim de contas, essas cartas provam a pusilanimidade do terrível conquistador do Mundo que foi sempre um fantoche das mulheres que souberam lidar com êle. Josefina, a primeira mulher, dominou-o inteiramente até o momento de ficar demonstrada a sua esterilidade, quando Napoleão desejava um herdeiro que continuasse a sua dinastia.

O imperador tratou do divórcio e deitou os olhos para a grã-duquesa Ana, irmã do czar Alexandre da Rússia. Mas, como as negociações se prolongassem, fazendo crêr que o soberano moscovita olhava o soberano francês como se êle fôsse ainda o plebeu côro, cujo pai andara nas hostes do general Paoli contra a França invasora, Napoleão decidiu desistir, num rebate de orgulho.

— "Insistir mais seria rebaixar-me," — disse êle. E mandou os seus representantes pedir à Áustria a mão da princesa Maria Luísa, sobrinha legítima da desventurada rainha Maria Antonieta.

A princesa, ao saber da pretensão de Napoleão Bonaparte, chorou muito, acabando por conformar-se com a maior resignação.

Escrevendo à sua amiga, condessa de Colloredo, dizia-lhe:

"Desde que Buonaparte se divorciou, leio todos os dias a gazeta de Francfort, esperando encontrar nela a designação da sua nova esposa, e confesso que tão grande atrazo me causa uma involuntária inquietação. Confio a minha sorte à Divina Providência, porque só ela sabe o que pode tornar-nos felizes. E, se por minha desgraça tal é a sua vontade, estou disposta a sacrificar a minha, a favor do bem do Estado, convencida de que a verdadeira felicidade se encontra no cumprimento do dever, ainda que seja contrariando as próprias inclinações. Nem quero pensá-lo! Mas, se fôr preciso, tenho tomada a minha resolução, apesar de que seria um duplo e dolorosíssimo sacrifício. Rese, senhora, para que os meus receios não se confirmem."

Por fim, decidiu-se, e dizia-se que, ao sair de Viena com rumo a Paris, ia resolvida a agradecer a Napoleão. Êste, por sua vez, não cabia em si de contente em conseguir entroncar na sua árvore genealógica de mercadores, piratas, lavadeiras e até saltadores, a mais sádias vergôntes dos Habsburgos, e poder chamar-se sobrinho de Sua Majestade Luís XVI, o rei



Condé de Neipperg

FELIZ NA GUERRE E INFELIZ NO AMOR

O glorioso vencedor de Austerlitz e Marengo foi sempre um vencido nas mãos das mulheres

mártir que encerrara a dinastia dos Capetos.

Casou-se e continuou as suas batalhas através do Mundo.

As cartas agora compradas podem ser divididas em 4 grupos distintos: as escritas antes da chegada de Maria Luísa a Compiègne em princípios de 1810; as dumia viagem ao norte, e durante a expedição à Rússia desde maio de 1810 a dezembro de 1812; as da guerra na Alemanha e da campanha de França, de abril de 1813 a março de 1814, e as que foram escritas desde a abdicação de Fontainebleau até agosto de 1814.

Com as primeiras começa, sob os melhores auspícios, o idílio imperial. Napoleão trata, a princípio, a sua noiva por "Senhora". Logo a seguir, chama-lhe "minha querida" e "minha boa amiga", dando-lhe tôdas as provas duma ternura de que ninguém o julgaria capaz.

"Acabo de saber — diz êle numa dessas cartas — que se privou da sua governante para chegar aqui rodeada absolutamente por francesas. Aprovo-a e agradeço-lhe muito ter procedido assim."

De Compiègne, onde a aguardava com uma impaciência de namorado, escreveu-lhe uma longa carta que terminava assim:

"Adeus. Disse-me na sua última carta que fala de mim e pensa muito em mim. Esta ideia encanta-me. No entanto, a minha amiga é apenas justa, porque eu só penso em si, Luísa."

Durante a expedição à Rússia escreve, dia a dia, cartas a sua mulher, marcando todos os pontos do seu itinerário: Reichenbach, Glogan, Posen, Thorn, Dantzig, Marienburg, Koenigsberg, Vilna, Glubokoe, Kamen, Witsberg, Krasnoe, Esmolenko e Borodino.

Napoleão escreve sempre, na sua má caligrafia, assinando por vezes "Buonaparte", como côro italianizado que já não se prezava de ser.

Após a batalha de Borodino, ferida em setembro de 1812, escreve, misturando o seu diário de campanha com recomendações caseiras.

"Minha querida — escreve êle — estou a cavalo desde as duas horas da manhã, durmo apenas duas horas e passo todo

o dia em revista às tropas. Ontem detorei os russos — um exército de 120 mil homens. Foi uma vitória inolvidável, embora tivesse muitos mortos e feridos. Faze por te divertires. Peço-te que vás à ópera vêr a "Jerusalem". Dizem que é muito bela."

A sua costela italiana manifesta-se ao encerrar uma carta com um enternecido "adieu, mio bene, *donne deux baisers au petit roi...*"

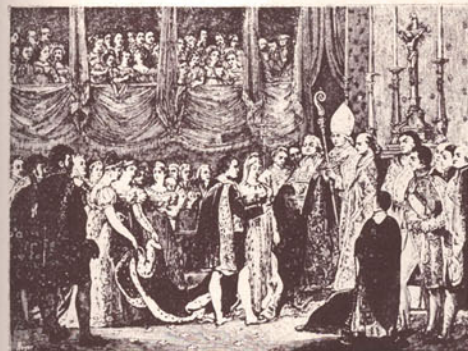
Pobre reisinho! Se nem a mãe o acarinhava!...

Noutras cartas, Napoleão dizia: "Abandonei Moscovo, visto não dispôr de vinte mil homens para a guarnecer. As tuas cartas são, como tu, encantadoras: pintam a tua bela alma. Ama-me como eu te amo, se te fôr possível."

Mas a imperatriz não o amava, nunca o tinha amado, nem estava disposta a partilhar das ternuras do seu esposo apaixonado. O seu afastamento era até um bem. Apesar-da vigilância a que estava sujeita, sempre arranjava maneira de ser infiel.

Quando Napoleão retirou da Rússia e se dispôs a começar a campanha em terras germânicas, a sua confiança no poder era ainda enorme. Escrevia assim à mulher: "Disponho de um milhão de homens. Peço-te que escrevas a teu pai a pedir-lhe que se não deixe arrastar contra mim."

Em seguida à vitória de Bautzen, escrevia nervosamente à esposa:



Casamento de Napoleão com Maria Luísa na Notre Dame

"Dei uma bela sova no príncipe e no imperador. Nunca as tropas do papá Francisco se bateram tão mal. Já fôste ao Jardim das Plantas vêr o elefante? Espero que dentro em breve será negociada o Paz."

Na campanha da França, o côro arrogante desfalca e peidia o auxílio da mulher: "Dize a teu pai que prefiro morrer a aceitar uma paz vergonhosa." Noutra carta dizia-lhe num lamento de abnegação: "Sólo ao pensar no que deves sofrer."

Maria Luísa é que pouco se atligia com estas coisas. Divertia-se o mais que podia, não deixando nunca de figurar em qualquer festa.

Napoleão, encontrando-se em



Buonaparte

Tal coisa só é permitida quando se passa dos trinta anos,

Napoleão."

A recomendação não obteve o êxito que seria de calcular.

Certa manhã, o conde de Saint Aulaire fez-se anunciar à imperatriz, pois tinha a comunicar-lhe uma notícia da máxima urgência. Era portador duma carta em que dava conta da abdicação do imperador e da sua tentativa de envenenamento em Fontainebleau. A imperatriz, que ainda se encontrava no leito, recebeu-o assim mesmo. Os pés nús assomavam por debaixo dos lençóis.

Saint Aulaire não se atrevia a levantar os olhos para não dar a impressão de que estudava no semblante de Maria Luísa o efeito que lhe devia produzir aquela notícia. Mas a sua atitude e o seu olhar baixo foram interpretados por ela doutro modo. Dirigindo-se ao conde, disse-lhe sorrindo, agradecida ante o que ela considerava uma lisonja à beleza de seus pés: "— O conde está olhando para os meus pésinhos? Sempre me disseram que eram muito bonitos?"

Um dia, em Fontainebleau, como o imperador beijasse afectuosamente, na face, a esposa, esta escapou-se-lhe dos braços e limpou com o lençinho de rendas a parte beijada.

— O quê?! — perguntou Napoleão — repugno-te!

— Não. Faço isto por asseio. Sucede-me o mesmo com o rei de Roma.



O perfil dos dois esposos

Haynan, em 7 de Junho de 1813, teve ciúmes e escreveu-lhe nos seguintes termos:

"Senhora e querida amiga:

Em meu poder a sua carta em que me comunica que, estando na cama, recebeu o arqui-canceler, e é meu desejo manifestar-lhe que, em nenhuma circunstância e sob que pretexto fôr, não receba ninguém se se encontrar na cama.

O rei de Roma era o filho — uma criancinha encantadora de dois anos, se tanto.

Mas o temperamento da imperatriz Maria Luísa indicava-a como uma mulher ardente que, logo que lhe foi possível, escolheu para amante o general conde de Neipperg que, além doutros defeitos físicos, apresentava um dos olhos vasado e coberto com uma pala de seda negra.

A vítima a seguir foi o conde de Bombelles, realista francês, que, servindo no exército austríaco, foi nomeado mordomo da imperatriz. Tinha quarenta e oito anos e patenteava uma figura altiva com um verdadeiro cunho aristocrático. Maria Luísa ficou contente com êle, parecendo-lhe que reunia tôdas as condições que lhe podiam agradar. Tinha apenas o "senão" de ser muito respeitador.

Maria Luísa levou o seu arrôjo a "pedir-lhe a mão de esposo", deixando o pobre homem atônito. Por fim cedeu, realizando-se a cerimónia o mais secretamente possível.

Pouco depois, enamorou-se dum actor boémio chamado Jules Lecomte que tinha má fama, aliás justificada. Escrevia também novelas relacionadas com a vida marítima.

Este Lecomte, escrevendo ao seu editor Souverain, dizia-lhe como um grande canalha que era:

"Sim, querido Souverain, o seu apelido, como editor meu, está de harmonia com a minha aventura, porque, neste momento, substituí Napoleão. O senhor não compreenderá isto muito bem, nas Tullerias. Mas eu sim, aqui em Parma. Maria Luísa ouviu-me cantar, e tão bem eu soube fazê-lo que ela convidou-me para



Jules Lecomte

cear. A *ceia* durou tôda a noite e, quando despertei na manhã seguinte, pude dizer de mim para mim que era o imperador.

"Mas não se envaideça demasiado pela aventura do seu romancista marítimo porque, se me lancei na abordagem, foi como tenor e não como novelista».

Assim terminou o fadário da imperatriz Maria Luíza que, com perto de sessenta anos, partiu dêste mundo, convencida talvez de ter cumprido o seu dever.

Arsène Hossaye, nas suas Memórias diz: "Sôbre o túmulo de Maria Luíza poderiam gravar-se estas palavras:

AQUI JAZ

uma mulher que, principiando por um imperador, terminou com um tenor.

Teve o fim que merecia.

As 318 cartas aparecidas agora vieram fazer luz sôbre a vida do vencedor de Marengo, reduzindo-o ás devidas proporções. Napoleão, em matéria amorosa, foi um fraco, um verdadeiro piegas. Quando se casou com a viuva Josefina de Beauharnais, que ao vê-lo tão pequeno de estatura e enfiado numas botas enormes, lhe chamou "le chat botté", julgou-se o mais feliz dos homens e o mais amado dos maridos. Escrevia-lhe todos os dias bilhetinhos apaixonados e, um dia, em frente do actor Talma, que lhe dava lições de declamação, teve um ataque de paixão e, dirigindo-se á esfera que representava o globo terrestre, fixou a França e beijou o ponto marcado por Paris.

— Que fazeis? — perguntou o actor.

— Beijo a bôca de Josefina, meu caro Talma.

Tempos depois casou em segundas nupcias com a loira filha de Francisco II de Austria, e a sua pieguice atingiu o cúmulo.

As cartas desencantadas agora revelam a vida íntima do côrso amoroso, desvendando completamente o seu mistério, completando a sua figura moral e esclarecendo muitos pontos que eram considerados inexplicáveis.

Chega a parecer impossível que um guerreiro de envergadura de Bonaparte confiasse nas apaixonadas cartas que escrevia diáriamente a sua esposa todos os seus planos de batalha e os seus mais arrojados empreendimentos.

Numa carta escrita em 23 de Março de 1814, encontrando-se em Bar-sur-Aube, contava á mulher as importantes modificações que introduzira no seu plano de campanha. Esta carta foi interceptada pelo inimigo que, como seria de calcular, se aproveitou de tão preciosas revelações, preparando-lhe uma derrota que teve como



Conde de Bombelles

desfecho o destêrro de Napoleão para a ilha de Elba.

Que teria a imperatriz com as congeimações bélicas do seu marido que poderia limitar-se a enviar-lhe frases meigas salpicadas de beijos ardentes? Não procedia como um grande general, o imprudente côrso.

Charles Roncière, conservador chefe da Biblioteca Nacional da França, após a leitura desses curiosos documentos, diz:

"O imperador escrevia a sua mulher quasi diáriamente, metido na sua tenda de campanha, rodeado de tôdas as precauções e contratempos. Depois de muitas horas de trabalho insano na revisão dos últimos planos, estudados com a ânsia de uma victória certa, Napoleão despedia-se dos seus marechais, e só no silêncio do acampamento confiava ao papel, não só os mais íntimos sentimentos da sua ternura, mas os mais graves segredos da sua táctica militar que lhe garantiriam as mais retumbantes victórias.

Que Napoleão amasse sua mulher com verdadeira paixão bem estava, mas para isso não precisava de lhe enviar os planos de campanha aprovados pelo seu estado maior. Desejaria êle impôr-se á admiração de sua mulher, patenteando-lhe a única qualidade que o nobilitava? O côrso barrigudo, sem atractivos físicos, o "chat botté", da viuva Josefina, tentava impôr-se á simpatia de sua mulher como um grande guerreiro... que contava os seus mais secretos projectos bélicos em cartas amorosas que o inimigo frequentemente interceptava!

Pobre Buonaparte! A sua epopeia, por mais que o levante e enalteça, não lhe evitará o ridículo de ter sido em tôda a sua vida de vencedor de homens, um mísero fantoche em mãos felinas de mulher.

À modelar organização do Plebiscito do Sarre



O acontecimento mais marcante da agitada política internacional dos últimos tempos foi, sem dúvida, o plebiscito do Sarre que decidiu do destino dessa importante região mineira.

Três soluções eram propostas aos eleitores: a anexação à Alemanha, a anexação à França, a manutenção do «statu quo». Destas, apenas a primeira e a última podiam constituir matéria de discussão. A incorporação do Sarre na França estava naturalmente arredada, dado que a quase totalidade da população é alemã.

Como se sabe, o resultado da votação foi favorável ao regresso ao Reich, por uma esmagadora maioria de 90,36 % dos votos.

Este facto, que em si não causou surpresa, afastou, pelo menos por agora, as nuvens que ensombrevam o horizonte das relações europeias.

Não é nossa intenção apreciar esse resultado, mas sim referimo-nos à modelar organização do plebiscito, tarefa difícil visto o número de votantes ser superior a 500.000.

Todos os trabalhos relativos a essa organização foram levados a cabo por uma comissão delegada da S. D. N. Segundo os termos do tratado de Versalhes tinham direito a voto todos os indivíduos de ambos os sexos, nascidos na região e que tivessem atingido a maioria de idade à data da realização do plebiscito.

Tomaram-se todas as precauções para assegurar a liberdade do voto. As listas foram impressas sob o mais absoluto sigilo e distribuídas só

na véspera do acto plebiscitário. Constavam de uma folha de papel onde estavam indicadas as três fórmulas propostas. Em face de cada uma havia um círculo branco onde o eleitor devia

assinalar com uma cruz a solução que escolhia.

Em cada posto de votação encontrava-se uma cabina isolada, onde o eleitor entrava sozinho para marcar a sua lista. Devia servir-se para isso dos lápis especiais fornecidos pelos organizadores do plebiscito. Metia depois a lista dentro num envelope próprio e só então saía para a sala onde depunha o seu voto.

Recolhidas todas as listas, foram estas enviadas para a sala onde se procedia ao escrutínio, sob a vigilância das forças internacionais.

Trezentos funcionários contratados em países neutros, especialmente na Suíça e Holanda, faziam então a contagem dos votos, com absoluta garantia de imparcialidade.

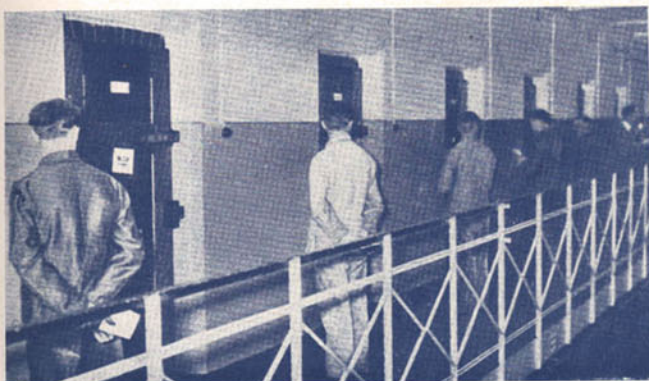
Como se vê, a coacção material do eleitor foi totalmente eliminada. Ficaram as coacções de ordem sentimental, patriótica ou política, mas contra essas nada podiam os organizadores do plebiscito.

Praticamente, o povo do Sarre fez ouvir a sua opinião, e a sua vontade vai ser satisfeita com a próxima entrega da região ao Reich.

A' ESQUERDA: a selagem das caixas que continham os votos. EM CIMA: um aspecto da sala onde se efectuou o escrutínio, presenciado das galerias por grande multidão



EM CIMA: Um eleitor saindo da cabina isolada. POR BAIXO: Os presos duma cadeia esperam a sua vez de votar. A' DIREITA: o boletim de voto.



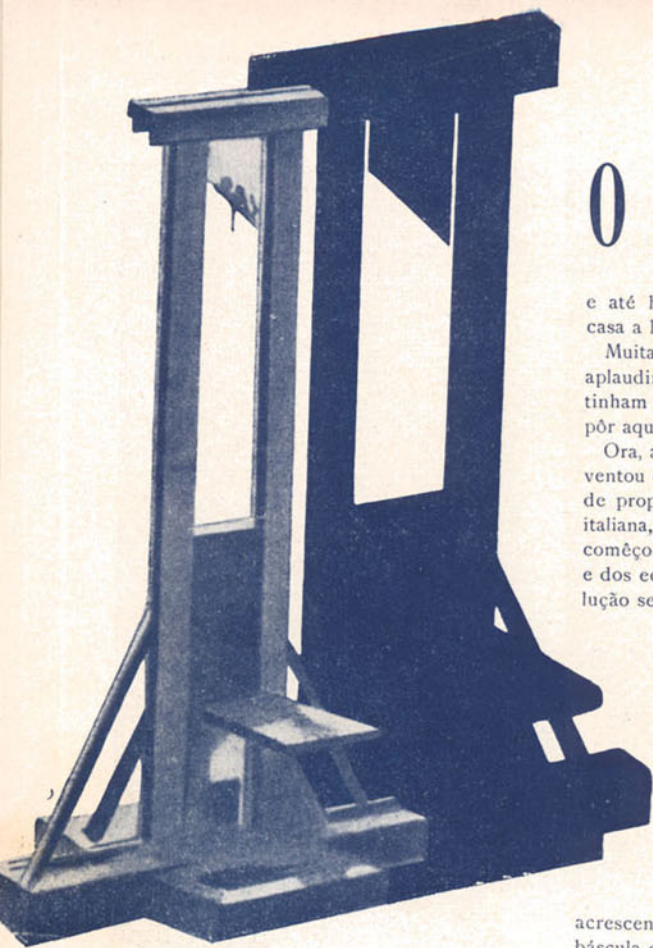
SOCIÉTÉ DES NATIONS • LEAGUE OF NATIONS
VOLKSABSTIMMUNGSKOMMISSION
DES VÖLKERBUNDES

Beibehaltung der gegenwärtigen Rechtsordnung
(Status quo)

Vereinigung mit Frankreich

Vereinigung mit Deutschland

DER ABSTIMMUNGSBERECHTIGTE MACHT
EIN KREUZ (X) IN DIE WEISSE KREISFLÄCHE
DES SEINER WAHL ENTSPRECHENDEN FELDES



O 145.º aniversário da guilhotina

e até houve quem desse a alguns móveis de casa a horrível forma do patíbulo.

Muitas pessoas respeitáveis daquele tempo aplaudiram os sentimentos humanitários que tinham induzido o filantrópico deputado a propôr aquele instrumento de pena capital.

Ora, a verdade é que o dr. Guillotin não inventou coisa alguma. Lembrou-se, quando muito, de propôr a adopção da *mannaia*, de invenção italiana, e usada nos Estados Pontifícios, no começo do século XVIII, para castigo dos nobres e dos eclesiásticos. Foi nisto apenas que a Revolução se mostrou respeitadora das tradições.

A descrição da *mannaia* vem num dos livros do dominicano, padre Labat, que viveu muito tempo nos Estados do Papa, e data esta narrativa de 1710.

Diz o frade ter visto a máquina fatal na prisão de Civitavecchia, e descreve-a minuciosamente nas suas *Voyages en Espagne et en Italie*, publicadas em 1730.

Vê-se claramente que o dr. Guillotin se inspirou na *mannaia*, à qual acrescentou alguns aperfeiçoamentos como a balsa e a «lunette».

Ora, como Guillotin nunca foi à Itália, é muito natural que seguisse as indicações do abade Labat que explicava a máquina fatal, peça por peça, com as dimensões de cada uma, a maneira de a armar e a forma de executar sem o menor risco de errar o golpe.

A verdade é que o plágio de Guillotin criou tais foros de originalidade, que a *mannaia* passou a chamar-se guilhotina em homenagem ao seu «inventor».

Diz-se que o famoso médico, ao ver o uso que estavam dando ao seu invento, teve remorsos e quis protestar, o que lhe valeu ser preso e estar em vésperas de experimentar os benefícios da sua ideia. Grandes esforços fizeram os seus amigos para o arrancar das garras tigrinas de Fouquier Tinville.

— É a maior consagração que o teu invento pode ter — dizia-lhe o terrível acusador.

Em face de uma tal lição, Guillotin não teve coragem de pedir ao governo a mudança do nome que tinham dado ao seu aparelho, e que tão odiosa lhe tornava a existência. Quando tinha de receitar para um doente, o seu nome — Guillotin — a autenticar o documento parecia indicar a sorte que esperava aquele que tomasse os remédios indicados.

Ou na guilhotina ou às mãos de Guillotin, tudo era morrer sem a mais leve esperança de salvação. Dizem ainda que terminada a sua carreira política, Guillotin se retirou para uma casa afastada de Paris, e ali morreu em 26 de Maio de 1814, com 76 anos de idade.

Hoje, a guilhotina mantém o seu prestígio de sempre em França. É manobrada pelo sr. Anatole Deibler que toda a gente conhece por «Monsieur de Paris», e é, no fim de contas, uma boa pessoa.

Há tempos, contou ele a um jornalista um episódio curioso da sua vida. Tinha ido a qualquer terra da província executar um condenado. Havendo falta de

meios de transporte, teve de ficar numa estalagem, encravada entre montanhas, que não tinha um único quarto vago. Por especial deferência, um dos hóspedes ofereceu-lhe o seu leito que, sendo largo, chegava bem para os dois. Deitaram-se.

Quando o criado veio apagar as luzes, Deibler recomendou-lhe que o acordasse ao amanhecer, pois tinha de partir, fôsse como fôsse, chovesse ou ventasse.

— Diabo! — disse-lhe o outro hóspede — você está com uma pressa que parece que vai tirar o pai da força.

— Pelo contrário — respondeu Deibler — vou degolar um homem que não conheço.

— Degolar?! Mas quem é você?

— Sou o carrasco Deibler, e vou cumprir o meu dever.

Tanto bastou para que o outro, horrorizado, saltasse da cama e fugisse do quarto, deixando o carrasco à sua vontade.

E Deibler rematava:

— É verdade, senhor. Tenho guilhotinado algumas dezenas de homens. Pois nenhum manifestou tanto horror ao olhar-me para a cara como esse pobre homem que teve a gentileza de oferecer-me o seu leito!

Há profissões horríveis...

Em tempos, havendo necessidade de substituir o verdugo, foi aberto um concurso, à semelhança do que se faz com outros cargos. Concorreram médicos, advogados, engenheiros, e em tal número, que o concurso foi encerrado para não alastrar mais uma vergonhosa miséria.

Deibler ficaria no seu lugar, honrando as tradições de seu pai e seu avô que tinham sido carrascos também.

Agora, no 145.º aniversário da guilhotina, não seria descabido oferecer-se-lhe um banquete de homenagem... Outros os tem conseguido com menos razões.



Anatole Deibler, o famoso «Monsieur de Paris»

A terrível guilhotina francesa acaba de fazer 145 anos.

O dr. Guillotin, um dos mais distintos médicos de Paris, tendo abraçado com ardor a causa da revolução, foi eleito deputado à Assembleia Nacional. No dia 21 de janeiro de 1790 propôs a adopção duma máquina de cortar cabeças que tinha inventado — dizia ele — para bem da humanidade. Depois de provar que todos os crimes eram pessoais, o dr. Guillotin defendeu a pena de morte por decapitação a todos os outros castigos. E, num rasgo de eloquência, afirmou ao apresentar a proposta:

— «Com a minha máquina comprometo-me a cortar-vos a cabeça, num abrir e fechar de olhos, e sem vos causar o menor sofrimento!»

A proposta foi aprovada e transformada, acto continuo, em decreto com força de lei.

Quando Luiz XVI assinou a sentença que condenava à morte um tal Pelletier — o primeiro a experimentar a terrível máquina do dr. Guillotin — quis que lhe explicassem como funcionava aquela geringonça.

— Muito facilmente, Sire — responderam-lhe — o condenado deita-se de barriga para baixo sobre a balsa, ficando o pescoço sob o cutelo que desce pesadamente e separa a cabeça do tronco. Tudo isto é feito em poucos momentos e sem que o justicado seja molestado por qualquer posição incômoda. Uma invenção genial.

— Com tôdas essas comodidades — disse o rei — até dá vontade de morrer assim.

Meses depois, quando conduziram Luiz XVI à guilhotina, é possível que tivesse mudado de opinião.

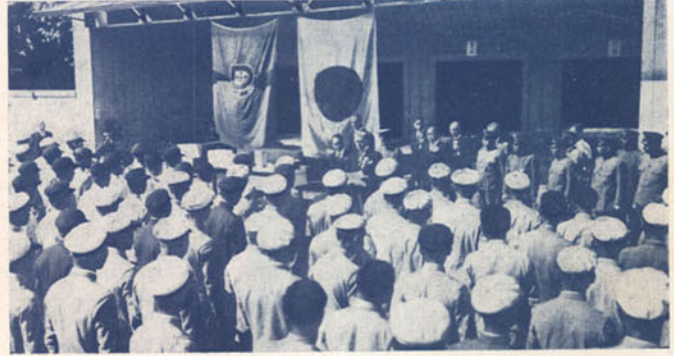
O mais curioso é que executaram o rei no próprio dia do 3.º aniversário da máquina fatal — 21 de janeiro de 1793!

Pois o dr. Guillotin obteve a maior consagração. A sua lembrança foi tão bem acolhida, e tal era o carácter sanguinário que então distinguia as multidões, que este instrumento de morte passou a ser um enfeite: usaram-se guilhotinas de ouro nos dedos, nas orelhas, no peito;

A introdução das armas de fogo no Japão pelos portugueses

Em Toquio, realizou-se em Novembro do ano findo um animado campeonato de tiro entre os alunos da Universidade de Meiji, para comemoração da introdução das armas de fogo naquele país, realizada pelos portugueses no ano de 1542. As provas foram presididas pelo general barão Nara, ajudante de campo do Imperador do Japão. Fizeram-se também repre-

A DIREITA: a entrega da taça. — EM BAIXO: demonstração do manejo da primeira arma levada pelos portugueses e o discurso do sr. dr. Tomaz R. de Melo



sentar os ministros da Guerra, Instrução, e outras individualidades em destaque na vida pública japonesa.

Antes de se iniciar o concurso, o sr. dr. Tomaz Ribeiro de Melo, ilustre ministro de Portugal em Toquio, proferiu um brilhante discurso em que salientou a obra notável dos navegantes

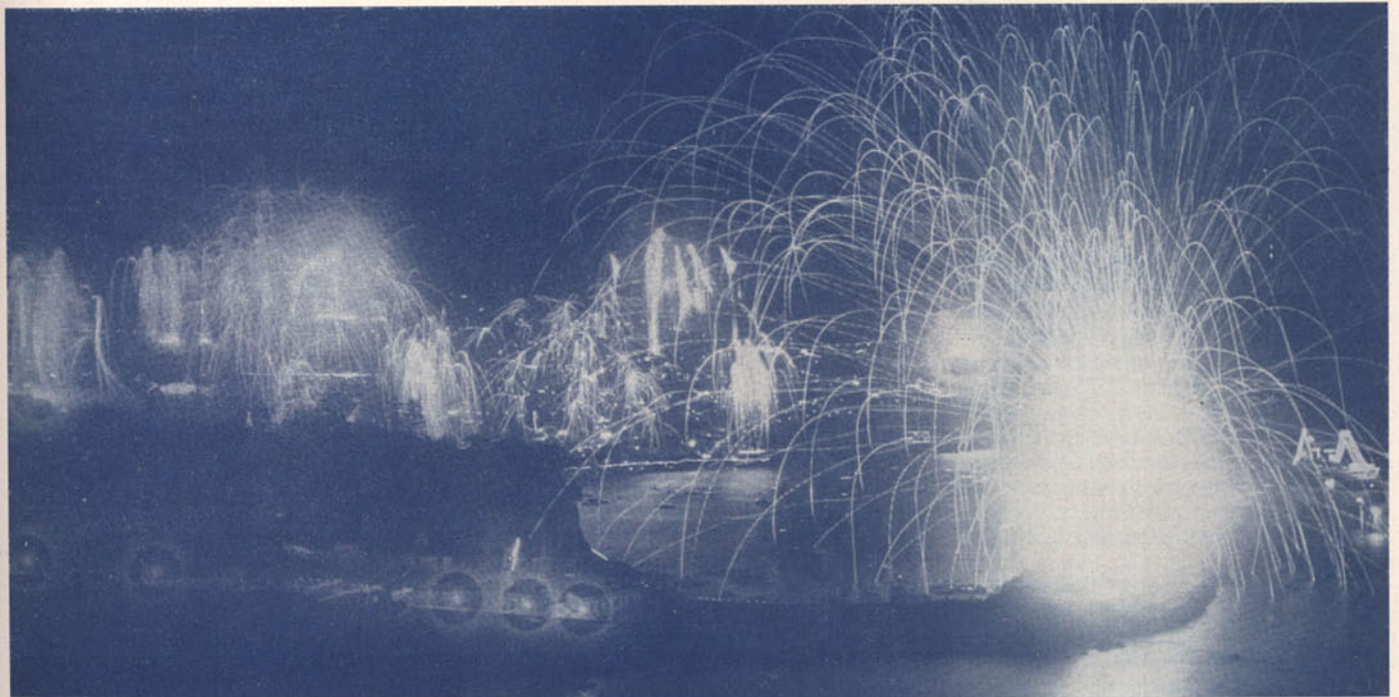
portugueses no Extremo Oriente durante o século xvi, e fez votos por um estreitamento de relações cada vez mais íntimo entre os dois países.

Seguidamente, o estudante da Universidade de Meiji, sr. Kuroki, fez a demonstração do manejo da primeira arma de fogo levada

para aquele país pelos portugueses, relíquia que é preciosamente conservada desde essa época.

No final, o sr. dr. Tomaz Ribeiro de Melo realizou, nos jardins da Legação de Portugal em Toquio, a entrega da taça por ele oferecida ao vencedor do campeonato.

As festas do fim do ano na ilha da Madeira



As festas do fim do ano na ilha da Madeira adquiriram já celebridade universal. Atraídos por uma inteligente propaganda milhares de turistas de todos os pontos do Mundo ali vão na noite de S. Silvestre, assistir ao espectáculo deslumbrante da ilha que surge em pleno Atlântico envolta em fogo. A nossa gravura representa um aspecto das iluminações e fogos de vista na noite de 31 de Dezembro último.

VOOS DA ALMTRASMONTANA

O ORGULHO DE FIAO DE MAGALHÃES deu ao Mundo uma das melas páginas da sua história

o seu valor sobejamente demonstrado. Que o rei de Portugal tivesse insultado Vasco da Gama com o título de conde que lhe prometera mas que não lhe autorizava a usar; que o tivesse expulso da sua terra natal de Sines, cujo senhorio pertencia ao filho natural de Dom João II, Dom Jorge de Lencastre; que o tivesse amesquinhado negando-lhe a licença imediata para ir prestar serviços a nação estrangeira, isso não lhe interessava. O illustre filho de Sines que se levantasse a repellar a afronta, pois era esse o seu dever.

Com elle, Fernão de Magalhães nascido nas serranias trasmontanas, as coisas teriam de passar-se doutra maneira. Dando largas ao seu génio empreendedor e ouvido, desceu das suas montanhas até Lisboa e tomou parte nas grandes viagens que dariam mundos novos ao mundo. As proezas de Colombo, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral tinham-lhe incutido a ambição de se immortalisar navegando por mares desconhecidos. Viviu um sonho constante de aventuras fantásticas e quiz dar-lhe a realização oferecendo os seus serviços ao Monarca Venturoso que lhe desprezou a valiosa oferta.

Nesta altura, o trasmontano reagiu. Lembrava-se talvez desse rei que devia a corôa à subserviência ignobil de ir beijar as mãos ainda ensanguentadas do assassino de seu irmão. Fernão de Magalhães não podia sujeitar-se a humilhações aviltantes. Falava como português, actuava como trasmontano. Batera-se pela Pátria, arrostara por ela os maiores sacrificios, manifestara a sua audácia e o quanto seria capaz de fazer ainda. Quando ofereceu os seus serviços era natural

que lhos aceitassem. Ofenderam-no e êle desistiu, usando-se na revelação feita pelo jesuita Lafitau

Tomou o rumo de Espanha e foi oferecê-las "Histoire des découvertes et conquêtes des Carlos V que, mais inteligente que o sobportugais", diz que na conspiração urdida na corte português, não deixou perder as vantagens de Lisboa, surgiu um prelado português com um lhe ofereciam.

Encontrava-se então em Espanha, o embaixador meio de graças e favores que o deslumbrado português D. Álvaro da Costa, que estava em, e no caso de não os aceitar, mandar assasregado de solicitar a mão da infanta Leonor. Conquanto o jesuita Lafitau não indicasse o rei D. Manuel. Pretextando esta aliança, o nome do prelado, podemos dizer que era D. Fermata português fazia contínuas representações de Vasconcelos, bispo de Lamego.

Apesar de todas as reservas, foi conhecido o teve o ouso de notificar-lhe que "era indigno que ameaçava o grande navegador, sendo dum fidalgo o empenhar-se em empresas tomadas todas as precauções para evitar o punhal haviam de redundar em prejuizo do seu reino sciaros a soldo de D. Manuel. O bispo de Bursa Pátria..

A isto respondeu o glorioso navegador pescador de noite pelos criados do seu serviço, para guês com a sua habitual arrogância, dizendo defender de qualquer cilada, e recomendava-lhe que não nascera para ser conduzido em rebuque saise o menos possível de casa. como os carneiros, mas para se elevar como Vencidas tôdas estas dificuldades, Fernão de os impulsos da sua coragem e os ditames de Magalhães partiu para a grande aventura com as consciência libérrima. Como português ofereceu "Trinidad", "Concepción", "Santo António", ou seu rei os serviços que julgava poder pre "Victória", comandando gente espanhola. Se não os aceitou por considerá-los inúteis. Uma noite, as tripulações de três naus revoltava razão para vir contrariá-los ao serem ofereciam-se e subjugaram os comandantes, homens da a um monarca estrangeiro.

Em Lisboa tramava-se, entretanto, contra a noticia chegou à nau "Trinidad", onde o grande jectos e até contra a vida do glorioso navegador capitão dormia tranquilamente, a tripulação vacilou

na atitude a tomar. Os parlamentários enviados pelos rebeldes procuravam aliciar os camaradas que se mantinham fieis, e talvez o tivessem conseguido se Fernão de Magalhães não tivesse surgido naquele momento.

— Que significa todo êste ruído? — perguntou o grande capitão.

— Revoltaram-se as tripulações da "Concepción", do "Santo António", e da "Victória". — responderam-lhe.

— Mas revoltaram-se porquê? — insistiu com voz trovejante.

Avançaram então os parlamentários para dizer que os amotinados se haviam apoderado daqueles navios na intenção de evitar dali em diante o mau tratamento que até então tinham recebido. No entanto, se Fernão de Magalhães conviesse em entrar em matéria de capitulações, "estavam na boa disposição de lhe dar o tratamento de senhoria, respeitar as suas ordens e beijar-lhe os pés e as mãos".

No caso de não serem aceitas as suas propostas, os três capitães revoltados tinham preparado as armas dos seus navios e fariam frente à nau "Trinidad".

Magalhães nem pestanejou. Limitou-se a responder com uma calma que infundia pavor que viessem os chefes revoltosos a bordo da "Trinidad", apresentar as suas razões.

Os rebeldes, temendo que Magalhães os prendesse ou maltratasse, mandaram dizer ao chefe que se dignasse ir à nau "Santo António", onde, todos reunidos, discutiriam o que convinha fazer naquelas circunstâncias. Em vez de aceitar o convite, Fernão de Magalhães decidiu afogar em sangue a rebelião dos seus subalternos. A empresa não era facil, atendendo à superioridade do número e às vantagens de que os amotinados dispunham. Mas o intrépido comandante não teve a menor hesitação. O mesmo teria feito nas suas brenhas trasmontanas, se fosse atacado por uma alcaeteia de lobos. Havia de deixar-lhes uma boa recordação.

Expediu uma chalupa tripulada por Gonzalo Gomez de Espinoza e seis homens da sua inteira confiança e com êles a ordem ao capitão da "Victória" de vir apresentar-se-lhe imediatamente. Luiz de Mendoza lia a ordem com um riso escarninho como se descobrisse nela uma cilada de que seria necessário acatular-se. Nesta altura, Gomez de Espinoza, puxando dum punhal que levava oculto, cravou-lho na garganta. Outro dos seus descarregou segundo golpe na cabeça do rebelde que logo caiu morto sobre a coberta.

Da luta que iria seguir-se, fácil era adivinhar o resultado: sete homens nada poderiam fazer em face da tripulação da nau amotinada. No entanto, Magalhães era bastante providente para não expôr os seus a uma morte certa. Nesse momento, a nau «Victória» era abordada por Duarte Barbosa que, com quinze homens bem



Índio das Filipinas

armados, se apoderaram do navio e o levaram para junto da capitania.

Seguidamente, Magalhães mandou abrir fogo contra as naus que se tinham revoltado e capturou os cabecilhas.

Mas não bastava sufocar a revolta; era necessário castigar os seus fomentadores para exemplo da marinhagem.

Ordenou que fosse desembarcado o cadáver de Luiz de Mendoza e esquartejado, sendo apregoadá a sua traição. Três dias depois, condemnou à morte Gaspar de Quesada e um criado dêste, chamado Luiz de Molino, que obteve indulto a troço de servir de carrasco na execução do amo. Quesada foi decapitado com tôda a solenidade, sendo o cadáver esquartejado e apregoadá a sua traição.

Quando chegou o momento de punir Juan de Cartagena e o capelão Pedro Sanchez de la Reina, o grande capitão, cofiando as barbas sedosas, sentenciou com indiferença:

— Esses nem merecem o trabalho que vão dar ao algoz que os enforque nem aos cavalos que os esquartejem. São uns miseráveis sem valor nem classificação. O seu castigo será ficarem abandonados nesta praia deserta.

Assim se fez, e Magalhães prosseguiu na sua rota triunfal.

Três anos de privações e sacrificios através dos continentes americanos durou esta viagem audaciosa à volta do mundo que, além doutros benefícios, trouxe a certeza da forma esférica da Terra que não estava ainda suficientemente demonstrada.

Na ilha de Mactan, nas Filipinas, soube morrer como um herói e o seu nome ainda hoje é evocado com admiração por todo o mundo civilizado.

Apenas em Portugal, sua pátria, ainda se encontram picadas as suas armas que encimaram a casa da Pereira em Sabrosa, e que hoje servem de chumal num dos ângulos duma construção mandada levantar, ao lado, por um rico qualquer!

Gomes Monteiro.



Fernão de Magalhães

(grav. de coore de Ferd. Selinla.)

Fac-simile da assinatura de Fernão de Magalhães

No dia 20 de Janeiro de 1518, Fernão de Magalhães empreendeu a sua jornada à procura do rei de Castela que lhe deveria dar mais algum merecimento do que o obtido junto do monarca português.

Catorze anos antes, partindo Magalhães para a Índia com o vice-rei D. Francisco de Almeida, fez testamento em que figura a seguinte cláusula: "Mando que se eu morrer fora desta terra ou em esta armada para onde agora vou para a Índia, servir a meu senhor Rei, o muito poderoso senhor Dom Manuel que Deus nos guarde, que as minhas exequias se façam como se fariam a um simples navegante, dando ao capelão do navio a minha roupa e armas para que diga três missas de requiem resadas".

No seu regresso, o intrépido navegador teve desejos de ir mais longe, sendo então melindrado pela tradicional ingratição do Monarca Venturoso.

Ora, o orgulho dêste nobre trasmontano, cujos braços de armas eram dos melhores e mais antigos do reino, não poderia suportar que lhe ofendessem a dignidade nem que lhe menosprezassem



Entrada do Rio de Janeiro

SOBRE a avareza dos judeus existe uma quantidade inumerável de anedotas. Quási todas estão de há muito divulgadas e raro se encontra alguma que ainda tenha o mérito da novidade. A que vamos contar pertence, segundo cremos, a êste reduzido número:

Levy era casado e no espírito de sua mulher germinara o desejo de voar. As proezas dos aviadores entusiasmavam-na e toda a sua ambição era receber o "baptismo do ar".

Disposto a satisfazer êste capricho, Levy procurou um aviador amigo e pediu-lhe que o levasse a êle e à mulher numa curta digressão pelos ares.

O aviador não opôs dificuldades. Mas



fixou logo o preço do passeio. Seriam cem escudos, nem menos um centavo.

A quantia pareceu exagerada ao espírito económico de Levy. Solicitou uma redução, regateou, mas tudo foi inútil. O aviador não cedia e Levy ia desistir quando êle lhe propôs:

— Pois bem. Subo amanhã para fazer alguns exercícios de acrobacia. Podem vir comigo nas seguintes condições: se conseguirem conservar-se em silêncio durante todo o tempo que durar o vôo nada terão a pagar-me; mas se soltarem qualquer grito receberei o preço estipulado.

Levy aceitou. E, no dia seguinte, êle e a mulher apresentaram-se no aérodromo, resolvidos a não exteriorizar qualquer emoção para que o vôo nada lhes custasse.

Subiram e o avião logo entrou a fazer caprichosas evoluções. Durante meia hora foram "loopings", "vrilles", e "tonneaux" de arrear o mais experimentado. Mas o casal de judeus, sentado atrás do piloto, não soltava um suspiro.

Aterraram, por fim. E antes de descer do aparelho, o piloto disse, dirigindo-se a Levy:

— Felicito-os pela sua intrepidez. Nas condições do nosso contrato nada me



devem, visto que não soltaram a menor exclamação...

Ao que êste ainda pálido das emoções sofridas, retorquiu:

— Mas olhe que bastante me custou. Quando, numa das voltas, minha mulher caiu do avião, por pouco que não soltei um grito...

— Tenho ideia de ter visto já a sua cara noutra sítio.

— Impossível! Trago-a sempre no mesmo lugar.

Entre tio e sobrinho:

— Que estás a fazer, Basílio.

— Estou a procurar o menor multiplo comum.

— O menor multiplo comum...? Mas já o procuravam quando eu andava na escola. Então ainda não o encontraram?

Vários amadores de pesca à linha contam as habituais histórias sobre os peixes



colhidos pelos seus anzóis. Um deles, que tem estado calado, remata com esta:

— Pois eu nunca pesei nem medi os peixes que tenho pescado. Mas lembro-me de que um deles era tão grande que tive de esperar

na estação que passasse um combóio com carruagem-salão para o poder levar para casa.

Um avião fazia perigosas evoluções no espaço, e o passageiro, que começava a sentir-se inquieto, gritou para o piloto:

— Lembre-se que é a primeira vez que eu vôo...

— Também eu!

Um indivíduo procura o seu médico assistente e diz-lhe:

— Sucede uma coisa singular a minha mulher. Há já alguns dias que não pode



abrir a boca... Qualquer coisa nos maxilares...

E, depois de curta pausa:

— Quero pedir-lhe o favor de passar por minha casa daqui a uma semana para ver o que se há-de fazer.

O Zacarias ia a sair de casa um dia destes quando a mulher lhe entregou um pequeno embrulho.

— Que vem a ser isto, minha querida? — perguntou êle.

— É um frasco de tónico contra a queda do cabelo.

— Muito obrigado — respondeu o Zacarias embaraçado — mas eu...

— Não é para ti — esclareceu a mulher. — É para a tua dactilógrafa a quem cai tanto cabelo... na gola do teu casaco.

O casamento de D. Beatriz de Bourbon



ram-se ao Vaticano, onde foram recebidos em audiência pelo Papa.

Na igreja dos Jesuítas, onde como dissemos se celebrou a cerimónia, encontra-se depositado o corpo de Santo Inácio de Loyola, fundador da Ordem dos Jesuítas. Este templo foi restaurado no século passado por um membro da família do noivo

Causou sensação o precioso vestido usado pela noiva, feito de setim branco e guarnecido a arminho. A cauda tinha sete metros de comprimento e era levada por duas crianças: uma, filha do marquês de Bagno, e outra, filha do príncipe Chigui, ambas vestidas de vermelho.

Na «corbeille» de noivado



A' esquerda: Os noivos à saída da igreja; à direita: a noiva com o véu nupcial; em baixo: a chegada a Paris, após o casamento



Na igreja dos Jesuítas, em Roma, realizou-se no dia 14 do mês findo, o casamento da infanta D. Beatriz, filha mais velha do ex-rei Afonso XIII de Espanha, com D. Alexandre Torlonia, príncipe de Civitella Cesi, filho do falecido duque Marino Torlonia.

Estiveram presentes à cerimónia mais de cinquenta membros de famílias reais, entre os quais Afonso XIII, o rei e a rainha de Itália, os príncipes de Luxemburgo. As personalidades convidadas foram em número de 10.000, dos quais 5.000 monárquicos espanhóis que para esse fim foram a Itália.

O casamento foi celebrado pelo cardeal Segura, antigo bispo de Toledo e Primaz das Espanhas. Depois da cerimónia religiosa os noivos dirigiram-se

ostentavam-se valiosos presentes. Destacavam-se entre eles um colar de pérolas que pertencera à rainha Maria Cristina, um diadema e brincos

que foram da imperatriz Maria Te-reza, uma imagem de Cristo emoldurada de ouro, antigas porcelanas de Saxe e um chale de Manila, oferecido por subscrição popular.

Vem a propósito dizer-se que o segundo filho do ex-rei de Espanha, que renunciou aos seus direitos na sucessão do trono, se en-contra noivo de M.^{le} Manuela Dampierre, filha do conde Roger Dampierre, que também possui o título espanhol de Duque de San Lorenzo.

O processo do rapto e assassinio do filho de Lindbergh



Poucos julgamentos têm despertado tanto interesse em todo o mundo como o do carpinteiro alemão Bruno Hauptmann, que está a responder perante o Tribunal de Flemington, nos Estados Unidos, da acusação de autor do rapto e morte do filho de Lindbergh.

Está na memória de todos esse crime sinistro que emocionou o público do mundo inteiro. Como se sabe, o célebre aviador pagara parte do resgate exigido em notas cuja numeração e sinais eram conhecidos pela Polícia. Muito tempo decorrido, Hauptmann apareceu a trocar essas notas.

Está prestes a terminar o sensacional julgamento. O júri vai decidir se Hauptmann deve ser condenado à morte, como parece provável, ou se o crime não foi suficientemente demonstrado.

As gravuras acima representam: à esquerda, o réu perante os juizes; ao centro, o júri que vai decidir da sua sorte; à direita, Betty Gow, a ama do bebé raptado, uma das testemunhas do processo.

Diplomatas

Em honra de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira, ofereceu o sr. Dr. Adalberto Guerra Duval, ilustre Embaixador do Brasil em Portugal, um banquete no Palácio da Embaixada, à rua António Maria Cardoso, ao qual foram convivas os srs. Dr. Caeiro da Mata, Ministro dos Negócios Estrangeiros, Arcebispo de Mitilene, Bispo de Vatarba, Cônego Anaquim, Dr. Carneiro de Mesquita, Ministro da Bélgica, Ministro de França, Ministro da Polónia, Encarregado dos Negócios da Santa Sé, Encarregado dos Negócios de Itália, Monsenhor Todini, Dr. Luís Teixeira de Sampaio, Luís Barreto da Cruz, Tenente-coronel Augusto Esmeraldo Carvalhais, Carlos Eduardo Bleck, Tenente Costa Macedo, e os secretários da Embaixada Dr. Teixeira Soares e Dr. Bueno do Prado, e o delegado comercial Dr. Rafael Correia de Oliveira.

— Na mesma Embaixada realizou-se um jantar em honra do sr. Conselheiro Camelo Lampreia, antigo ministro de Portugal no Brasil, ao qual foram convivas além do homenageado e de sua filha D. Maria Amélia, as seguintes pessoas: Ministro da Noruega, Ministro da Alemanha e Baronesa de Hoyninges Juene, Ministro da Holanda, Conselheiro da Legação dos Estados Unidos da América e senhora de Magruder, Secretário de França e senhora de Gallye d'Hybouvillie, conde e condessa de Arge, Dr. Agapito Pedroso Rodrigues e esposa, D. Angela Carvajal Teles da Silva, Alexander Magruder e esposa, Dr. Teixeira Soares e esposa, Dr. Bueno do Prado e esposa, e Dr. Rafael Correia de Oliveira e esposa.

— No salão de meza do Aviz Hotel, o ilustre ministro da Holanda em Portugal, ofereceu um almoço, aos comandantes dos dois submarinos holandeses, que estiveram ultimamente no Tejo, tendo também assistido os srs. capitão tenente Silva Moreira, comandante do submarino «Delfim», Mário de Noronha e Zeegers, consul da Holanda em Lisboa. No final foram trocados afectuosos brindes.

NO AVIZ HOTEL

A sr.^a D. Gertie Ferrão, esposa do sr. Alexandre Ferrão de Castelo Branco, ofereceu no salão de meza do Aviz Hotel, um esplêndido «chá» a várias pessoas das suas relações.

Durante a tarde além de animada conversação fizeram-se várias partidas de «Mah-Jong», «Bridge» e «Bluff».

Na assistência notavam-se as sr.^{as}:

Condessa das Alcaçovas, Condessa da Ponte e filha, Condessa de Bobone, Condessa de S. Mamede e filha, D. Sara Cabral e filhas, D. Maria Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Ana Barreto de Vasconcelos e filha, D. Maria Tereza Ornelas, D. Sofia Zafrani Cagy, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Emília Teles da Gama Almada, D. Ema Torre do Vale, D. Lina de Andrade, D. Sara Abecassis Seruya, D. Maria Inácia de Castelo Branco, D. Maria Amélia Ferrão de Sousa, D. Maria Salema Reis, D. Maria Tereza de Lancastrre Ferrão de Castelo Branco, D. Emília Amaral Leal e filha, e D. Berta Mauperrin Santos de Castelo Branco.

Os convidados retiraram-se gratíssimos com os deliciosos momentos que a sr.^a D. Gertie Ferrão lhes proporcionou.

Casamentos

Na paróquia de Santa Maria de Belem, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição São Boaventura Mayer, gentil filha da sr.^a D. Laura São Boaventura Mayer e do sr. Alvaro Ferro Mayer, com o sr. Fernando Mousinho Cabral Sacadura, filho da sr.^a D. Constança da Lapa Mousinho Cabral Sacadura e do sr. José Cabral Sacadura, já falecidos.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo sr.^a D. Margarida Moutinho de Almeida e padrinhos os srs. Dr. Ruy Ferro Mayer, tio da noiva e António Moutinho de Almeida.

Celebrou o acto o reverendo prior da freguesia, Monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Em Coimbra, após o registo civil, de que foram padrinhos por parte da noiva a sr.^a dr.^a D. Silvina dos Anjos Nunes Ribeiro e o capitão sr. José Mateus e por parte do noivo seus irmãos a

VIDA ELEGANTE

sr.^a D. Maria Antónia de Almeida Marçal e o brilhante advogado e escritor sr. dr. Orlando Marçal, realizou-se na paróquia de Santa Cruz, com grande brilhantismo o casamento da distinta advogada e inspirada poetisa sr.^a dr.^a D. Tomásia Maria Ferreira Faustino, interessante filha da sr.^a D. Júlia da Conceição Ferreira e do oficial do exército sr. José Faustino, com o distinto escritor e oficial do Ministério das Finanças sr. Raúl Marçal, filho da sr.^a D. Balbina Cândida de Almeida Marçal e do sr. José António Marçal, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Matilde Ferreira Godinho, tia da noiva e D. Maria José de Castro, prima do noivo e de padrinhos os srs. Ivaro Ferreira Godinho, oficial do exército e tio da noiva, e o Conselheiro Dr. Pedro de Castro, antigo Ministro da Justiça e primo do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para as propriedades da família do noivo no Douro, onde foram passar a lua de mel, regressando a Lisboa, onde vêm fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para o sr. António Maria da Silva, importante industrial em Castelo Branco, foi pedida em casamento pelo sr. António Barata Freire de Lima, director de Finanças de Lisboa, a sr.^a D. Maria do Céu Mendonça, gentil filha da sr.^a D. Belarmina de Mendonça Esteves e do sr. João Esteves Sargento, secretário de Finanças do 5.^o Bairro de Lisboa.

A cerimónia deverá realizar-se brevemente. — Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Consuelo Saavedra de la Peña Bigas, interessante filha da sr.^a D. Elisa Saavedra de la Peña Bigas e do sr. Alberto Pidwell Bigas, com o sr. João Pedro

de Bellegarde Belo, filho da sr.^a D. Beatriz de Seixas de Bellegarde Belo e do saudoso Comandante João Belo, que foi Ministro das Colónias.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Consuelo Fanol Saavedra, avó da noiva e D. Maria Bellegarde Pereira Vilar, que se fez representar pela sr.^a D. Aduzinda Amaral Leal, e padrinhos o pai da noiva e o sr. Dr. Pereira Vilar, que se fez representar pelo sr. Dr. Amaral Leal.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos avós da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», seguindo os noivos depois para a Praia das Maçãs, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Augusta Soares da Silva, interessante filha da sr.^a D. Caetana Maria Soares da Silva, e do sr. Claudio Rodrigues da Silva, com o sr. Fernando José Pimentel de Melo, filho da sr.^a D. Zulmira Pimentel de Melo, já falecida, e do sr. Francisco de Melo.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Emília Marcello Sampaio e D. Josefina Pimentel de Melo, e de padrinhos o sr. Francisco António de Sampaio e o pai do noivo.

O acto religioso foi celebrado pelo prior da freguesia reverendo Silvestre Gonçalves, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Com muita intimidade realizou-se o casamento da sr.^a D. Preciosa Borges Martins, com o sr. José Gomes Gil, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Herculana da Silva Monteiro e D. Umbelina Martins Ramos e de padrinhos os srs. Arménio da Silva Monteiro e Lino Alves Gil.

Findo o acto foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos para Sintra onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Maria Carmen Gomez Reyes Leça da Veiga, com o sr. Alvaro Barroso dos Santos, realizado na paróquia de Santa Isabel

Um romance de Rocha Júnior

O notável exito literário de "O homem dos mil segredos"

.....

Cosida com as grades da varanda, Maria da Glória parecia alheia ao mundo exterior. Já por vezes desaparecia completamente da vista da multidão, ofuscada pela muralha ondulante das labaredas. Mas, de súbito, levantou-se, galvanizada. Arrancou a criança do seio, estendeu-a aos assaltantes num gesto que era todo alma. E soltou um grito desgarrador:

— Salvem o meu filho!

Ante o quadro imprevisível, instantaneamente se quebrou a unidade daquela temerosa avalanche de destruição. Havia ali mulheres que estavam menos lembradas de quem as fizera mães do que das dores, dos sobressaltos das íntimas angústias e das inefáveis alegrias que a maternidade lhes havia proporcionado. Visivelmente, sosso-brava a disciplina nas hostes do contra-mestre. Sobre os últimos gritos vibrantes, como pedradas, já dominava, em crescendo, um murmúrio de frases piedosas, soltadas por bocas ainda não desafeitadas do jeito de beijar os filhos. E, de entre tôdas, soberba de violência leonina, uma avançou sobre o magote dos homens a espumar de cólera, como se lhes cuspiasse na cara:

— Cobardes! Cobardes! Cobardes!

Rompeu pelo meio da turba, num ímpeto de fêra, empurando e derrubando, até ficar ao alcance da vista de Maria da Glória. Depois pôs as mãos em concha sobre os lábios e gritou com tôda a sua força:

— Coragem! Coragem!

Olha ali!

Apontava uma das mēdas de palha em que o fogo piedosamente não havia tocado e que estava, como as outras, enroscado num dos altos pilares da varanda. Maria da Glória ouviu-a e correu para o lado da mēda, tanto quanto as labaredas a deixavam correr.

— Atira-te! Atira-te, que não morres!

Já outras mulheres acorriam, faziam roda em tórno da mēda, formavam rede com a teia emaranhada dos seus braços. Do alto do braseiro, um farrapito alvadio voou, cortando o espaço, bateu no ventre flácido da mēda e rolou mansamente até ao colo das mulheres. Era a criança.

— Agora tu, Maria da Glória! Agora tu!

Mas ela tinha posto o último lampejo da sua energia no esforço de arremessar o filho. Viram-na flectir sobre os joelhos, tombar para trás, pesadamente, no pavimento da varanda, que a onda de lume envolvia cada vez mais.

O silêncio quasi religioso que se fizera — silêncio operado por aquele inaudito advento dum anjo que miraculosamente convertia em manso presépio o que ainda há pouco era tumultuoso pelourinho — deixava agora ou-

«O homem dos mil segredos», romance de Rocha Júnior, saído agora do prelo, causou tal sensação que está prestes a esgotar-se. O seu autor, escritor de génio, apresentou-nos um livro formidável, cheio de interesse e emoção, e ainda por cima, como se não bastasse, escreveu numa prosa vigorosa, límpida e perfeita a que não estávamos habituados há muito tempo.

Rocha Júnior, o escritor primoroso dos «Desenhos animados», «Venenos», «Terras Mouras» e outras obras que lemos mais duma vez, por neste seu último livro «O homem dos mil segredos» tôda a grandeza da sua alma bondosa, o fulgor do seu espírito cintilante e a perfeição da sua arte de bem escrever.

Portanto, o exito extraordinário obtido pelo romance «O homem dos mil segredos» não nos causou a menor surpresa. Era de calcular. O público desde há muito que não saboreava um livro assim, cheio de vida, verdade e colorido, que o empolgasse desde a primeira à última página.

Apareceu finalmente, e o publico, furejando-o, procurou-o com a maior avidéz. Eis o segredo do exito do «Homem dos mil segredos». Damos a seguir duas páginas desta bela obra para os que ainda não leram a possam avaliar.

vir, com arripiadora nitidez, o crepitar sinistro do lume no arcaço do palácio e, mais longe, no abismo das rochas escarpadas, o murmúrio áspero do mar. Amainado o delírio colec-

tivo, cada homem e cada mulher recobrava a sua individualidade e cedia aos naturais impulsos da sua índole. E era de ver corações exclusivamente femininos, para os quais, naquele momento, só existia um lindo bebé de seis meses, cujos olhos fitavam serenamente as estrelas de onde parecia ter caído, em flagrante contraste com outros espíritos mais fortes, energias mais activas e empreendedoras, que não esqueciam a trágica situação daquela mulher prestes a ser devorada pelo fogo.

Estranhas a estes dois campos, havia ainda, aferradas ao seu rancor, concentradas no seu ódio feroz, as almas tórvas dos organizadores da montaria, que só tinham sensibilidade para saborear deleitadamente os efeitos da sua obra até ao fim. E foi aos ouvidos destes que, subitamente, cortando o pávido silêncio, chegou, das bandas da escarpa, o baque surdo dum corpo, logo seguido de gritos de dôr!

Cajados no ar, archotes em riste, os homens correram na direcção da escarpa. Caso extraordinário acontecera ali, para que os eternos habitantes da rocha, os solitários albatrozes, àquela hora

adormecidos, se pusessem a esvoaçar, meio tontos, sobre o braseiro do Solar do Ermo.

— Rapazes, ali há coisa!

— Deve ser o pássaro bisnau!

— Querem ver que se atirou de alguma janela para cima dos pedregulhos?

— Não foi longa nem difícil a pesquisa. O clarão lívido do incêndio deixava descortinar, a poucos passos, incrustado numa concavidade da escarpa, o corpo lamentável dum homem, que se contorcera entre gemidos. Esse homem deixara-se cair dum das janelas sobranceiras ao mar, de cujo peitoril pendiam ainda, até meia altura da parede, dois lençóis atados pelas pontas.

Radiante, a matula apoderou-se do homem e levou-o em charola para o terreiro. Por momentos todas as atenções se concentraram nele, esquecendo a criança, abandonando ao seu destino a mulher. Era alto, forte, bem proporcionado. Estava em mangas de camisa e vestia calça e colete pretos de bom corte. Do rosto nada se podia dizer porque se resumia numa pasta de sangue.

.....
«O homem dos mil segredos», primorosa edição da Livraria Bertrand, é ainda valorizado por uma magnífica capa de Stuart Carvalhais que ilustra uma das mais dramáticas passagens do romance.





Greta Garbo, por Arnold Bennett

que Frederic March será o protagonista. De Shakespeare fora já adaptado «A fera amansada», um filme que ficou célebre por ter reunido pela primeira vez os dois grandes artistas Douglas Fairbanks e Mary Pickford, agora separados por um sensacional divórcio. Ao mesmo dramaturgo foi agora Max Reinhardt buscar o tema para o filme como se vai estrear no cinema.

Como se sabe, Reinhardt é considerado como o maior mestre do teatro moderno. Ultimamente fez uma digressão pelos Estados Unidos, apresentando a peça «Sonho dum noite de verão» de Shakespeare. Um produtor americano teve artes de o convencer a dirigir a adaptação dessa obra ao cinema. O filme é esperado com grande interesse porque, além do nome prestigioso do realizador e da cate-

Os actores de cinema, como figuras célebres que o Mundo inteiro conhece e admira, têm inspirado grande número de caricaturistas.

Diga-se na verdade que o assunto raramente se presta para esse fim. Caricaturar mulheres belas e homens perfeitos é a maior dificuldade que se pode apresentar a um artista. E salvo raras excepções e esse o caso da maioria dos «astros» da tela.

Mas, por vezes, a dificuldade é torçada com indiscutível êxito. E as fotografias que ilustram estas páginas demonstram esse facto.



Anna Sten, por Gitano

O cinema continua a buscar na literatura motivo para as suas obras. Grande número de produtores prefere pôr em cena um livro consagrado do



Wallace Beery em «Viva Villa!», por Gitano

goria da obra, reúne um excelente elenco de artistas, entre os quais avultam William Powell, James Cagney e Joe E. Brown.

Projecta-se também levar à cena outro escritor notável, o grande romancista russo Dostoievsky. A iniciativa é duma empresa francesa que confiou o encargo da adaptação a Pierre Chenal. A interpretação dos principais papeis caberá a Harry Baur, Pierre Blanchard e Madeleine Ozeray.

E, de prever que com tão valiosos elementos «Crime e Castigo» resulte um filme digno do genial escritor que se immortalizou na análise minuciosa e alucinante da psicologia do criminoso Rachmaninov.

Outro romance notável que um produtor francês se propõe adaptar ao cinema é «Axelle» de

Constance Bennett, por Beauvais



A maneira como alguns escritores contemporâneos célebres se comportam perante a adap-

NO MUNDO DO CINEMA

A adaptação de obras literárias Os filmes de guerra

Pierre Benoit. Quem conheça este romance de ambiente estranho e acção empolgante não pode também ter dúvidas sobre as suas grandes possibilidades no cinema.

Alguns autores, pelas características especiais das suas obras, têm inspirado com grande frequência os realizadores cinematográficos. Estão nesses casos Vitor Hugo, Alexandre Dumas e Leão Tolstói.

As adaptações deste último são bastantes numerosas. E a justificar esta preferência dos produtores está o facto de quasi todos os filmes extraídos das obras do grande escritor russo terem alcançado notáveis êxitos.

Assim, de «Ressurreição» fizeram-se já três versões. A primeira foi interpretada por Rod La Rocque e Dolores del Rio; a segunda por John Boles e Lupe Velez; e a terceira, ainda recente, por Anna Sten e Frederic March.

De «Os Cossacos» tirou-se um admirável filme que teve como intérpretes John Gilbert, René Adorée e Ernest Torrence, os dois últimos já falecidos.

Finalmente, «Anna Karenine» serviu de tema a um filme famoso que reuniu o par célebre, Greta Garbo e John Gilbert.

Quanto a Victor Hugo, basta citar «O homem que ri», «Nossa Senhora de Paris» e «Os miseráveis». E de Dumas citaremos apenas «Os três mosqueteiros» que conta já um numero respeitável de adaptações.

ptação ao cinema das suas obras não deixa de ser curiosa.

Quasi todos se lastimam de que o seu pensamento é deformado pelos realizadores, cujo propósito é imprimir á obra as suas concepções pessoais sobre o gosto do público.

Mas embora isso constitua a regra, há uma excepção que é a de Pirandello.

O grande dramaturgo italiano tem a respeito da maneira de adaptar uma obra ao cinema, opiniões originais com que raros autores se acharão



Joan Crawford, por Gitano

de acordo. Eis algumas declarações suas ao correspondente dum grande jornal francês:

«Ainda não vi até hoje um filme em harmonia com a minha concepção da arte cinematográfica. O cinema actual é, em muitos casos, uma má replica do teatro. Os grandes dirigentes da indústria cinematográfica imaginam talvez que o público é estúpido. Não é verdade. O público sabe apreciar o que é original e belo. É preciso fugir, portanto, á influencia do teatro e procurar caminhos novos. É facto que Greta Garbo interpretou uma das minhas peças, «Como tu me dejas». Mas a única critica que posso fazer a esse filme é, precisamente, seguir á risca demais o meu drama...»

Como vemos, Pirandello entende que a adap-

tação ao cinema deve implicar uma transformação radical da obra. Outro grande escritor, H. G. Wells, assim pensa também, mas não se dispensando de tomar parte activa na transformação da obra. Em «O homem invisível», a remodelação total do enredo do romance foi feita por accordo entre ele e o realizador.

Maurice Chevalier, por Beauvais



Verifica-se pelo noticiário da actividade dos estúdios que os filmes de guerra voltam a ocupar lugar preponderante na produção cinematográfica.

Deste modo, um tema que muitos suporiam esgotado, continúa a afirmar-se como um dos mais ricos mananciais de imagens que se conhecem.

Diversos filmes do género têm sido ultimamente apresentados e outros se encontram em curso de produção. Citemos alguns deles.

A «Fox Film» terminou há algumas semanas um filme que está certamente destinado a um grande êxito. Intitula-se «A primeira guerra mundial» e inspira-se numa obra célebre de Laurence Stallings, «A grande guerra em fotografias».

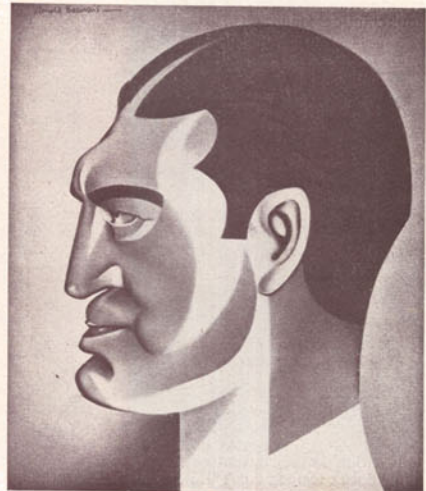
A originalidade deste filme consiste em que não só regista as passagens mais importantes da conflagração mundial como mostra também o encadeamento de factos que a produziram. Abre com um cena em que Bismarck fala ao povo alemão. Seguem-se fotografias dos Chefes de Estado das principais potências, em cerimónias oficiais e na vida privada.

É digna de menção uma curiosa imagem em que se vê o príncipe de Galles ameaçando sua irmã com uma espingarda infantil. Para realizar este filme reuniu-se grande soma de documentos verídicos o que contribue para dar á película um alto valor histórico.

Em Londres, também acaba de ser apresentada uma produção da «British International Films» com o titulo de «Os esquecidos». Compõe-se de cenas colhidas por operadores franceses, alemães, ingleses, italianos e russos durante a guerra. O espectador assiste a combates terríveis, explosões, ataques á bioneta, naufrágios, etc. É um autêntico «filme de horrores» que contribuirá mais que qualquer outro, afirma-se, para despertar no público o salutar ódio á guerra.

Por sua vez, a França anuncia a realização dum grande documentário, tardia resposta a «A outra verdade», em que Pierre Mardru se propõe fazer a história imparcial do conflito que ensanguentou o mundo de 1914 a 1918.

Richard Dix, por Beauvais





O "SKI," E A MULHER

desde Hyères a Ventimiglia, a Sicilia, a Argélia viam as suas cidades povoadas das mais belas senhoras, dos homens mais elegantes de toda a Europa.

Hoje são as velhas, as inválidas, as doentes, que procuram estas cidades. A elegância e o bom tom recomendam, exigem que se vá para a Suíça, para os Dolomiti, para os lugares onde a neve nunca escasseia, onde se pode fazer desporto todo inverno e a mulher que no verão torrou ao sol a sua cútis mimosa vai torná-la mais aspera e dura: curti-la por assim dizer, ao ar cortante da montanha. E as flôres e o sol ardente e belo, o astro-rei, suspiram de tristeza ao ver nos pontos onde reinam, tão procurados dantes, que brilham e se expandem apenas as ve-

DECIDIDAMENTE a mulher portuguesa lançou-se no desporto com grande entusiasmo a exemplo das mulheres dos outros países, e, para ela já não há desporto que lhe seja vedado.

Até aqui não se pensava entre nós em desportos de inverno.

Mas agora, descoberta pelos elegantes a Serra da Estrêla, coberta com o seu alvo manto de arminhos, o entusiasmo é grande pelos desportos da neve, que até aqui eram desconhecidos.

Não há rapariga, que na sua cabecita loura ou morena não abrigue o desejo imoderado duma excursão à Serra da Estrêla e de uns dias de desporto em que o "ski," tem sem dúvida alguma o primeiro lugar. Não é a "coquetterie," que a isso as impele, justiça lhe seja feita.

A "toilette," de "ski," é a mais feia, a mais desajeitada que uma rapariga pode envergar. De longe, com as suas calças, as suas botas ferradas, as suas "écharpes," de lã, os cabelos desalinados e desfrizados, não se sabe se é um rapaz ou uma senhora a figura que se nos dirige. E' portanto o amor ao desporto que leva as nossas raparigas a delirar pelo "ski," pela montanha, pela neve.

O amor ao desporto, ou, quem sabe, talvez, também um bocadinho de snobismo. E' elegante ir para a montanha, é "chic," fazer "ski,". No estrangeiro as estações de inverno abundam. Até há pouco, para passar o inverno, as elegantes de toda a Europa procuravam os países de clima doce e temperado. A "Côte d'Azur"

lhas e doentes. E se sentem satisfação íntima de alegrar com o seu brilho e beleza, os tristes dias das velhas e das enfermas, devem sentir-se tristes ao ser relegados ao papel caridoso de enfermagem.

Os novos não se importam já com as flôres e com o sol, isso é poesia demasiada para a juventude actual atacada do delírio do movimento e da rapidez. Se passeassem nessas deliciosas estradas, que de Nice vão a Ventimiglia, nos arredores de Palermo, de Lisboa a Cascais, falo-iam a 100 quilómetros à hora e as flôres em vão abririam as suas perfumadas corolas, o sol faria brilhar o azul ferrete do Mediterrâneo ou o verde gláuco do Atlântico, que os seus olhos atentos não se desviariam da estrada e só se preocuparia a sua mente, com o número de quilómetros que teriam andado por hora.

Depois da natação o "ski," é natural, o corpo não pode perder o seu treino, é preciso manter a higiene durante o inverno. Mas para tudo é preciso preparação e parece-se que a rapariga portuguesa ainda a não tem, com raríssimas excepções que confirmam a regra, para os desportos de inverno. Os pais não devem deixar suas filhas partir para a montanha onde ainda não temos como em Saint-Moritz ou Adebaden os confortabilíssimos Palaces, sem terem sido vistas por um médico.

Quem vai para a serra ainda se arrisca a muito desconforto, e muito frio, apesar de ter na Urgiceira uma confortável pensão inglesa, que não chega para todas

as apaixonadas do desporto que de ano para ano aumentam. Além disso poucas têm a necessária preparação de cultura física. E' preciso preparação para fazer "ski,"? Mas naturalmente, o "ski," é um desporto para que é preciso ter força, muita agilidade e um certo treino físico.

Há muitas senhoras não só em Portugal mas também no estrangeiro que partem para a montanha sem a mais pequena preparação física, mas para essas é quasi inútil pensar em fazer "ski," como divertimento. As que partem para os pontos da Europa onde há bons hotéis e onde se demoram um mês ou dez dias, passam todo esse tempo nas escolas de "ski," a fazer cultura física que tanto se pode fazer com "skis," nos pés e páus nas mãos, como sem eles.

Em geral as senhoras compram as botas preparam-se com deslumbrantes "chandailles," lindos "cache-cols," boinas graciosas, mas a respeito de cultura física, nada levam na sua bagagem desportiva.

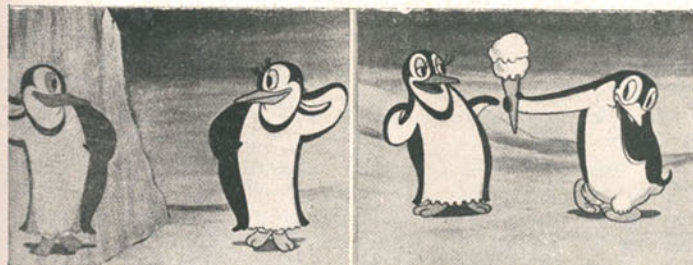
O que é principalmente necessário é que antes de partir para a montanha tenha havido um treino de gymnástica diário, para que o organismo e sobretudo o coração, possam agüentar o esforço, que há a fazer não tanto com os "skis," postos, como a ir até à neve, com as botas ferradas, os "skis," e os paus às costas subindo a montanha com o ar gelado e a neve o embarçar o andar.

Há três coisas primordiais no "ski," as pernas, o equilíbrio do busto e os braços. E' necessário uma agilidade absoluta e sobretudo oleo na máquina, que aqui é representado pela gymnástica. E' preciso pois que as raparigas, que têm saúde e se podem dedicar a este desporto, que sem dúvida é muito útil para as fortes, o façam com a necessária preparação para que na nossa Serra da Estrêla, descendo as suas nevadas encostas se vejam deslizar com garbo, elegância e agilidade, as jovens da nossa terra, e não estendidas na neve com as pernas para o ar e a cabeça enterrada na neve.

E visto que é moda, que em todos os países a mulher faz hoje "ski," façamos como as outras e que todas as que possam vão com a necessária preparação alegrar a nossa linda Serra, onde certamente, dentro em pouco, haverá, um confortável hotelzinho, que permita, sem grandes sacrifícios de conforto, ser elegante e cumprir as leis da moda fazendo "ski," com mais ou menos graça, com trambulhão a mais ou a menos, mas que a mulher portuguesa possa como a estrangeira falar dos seus desportos de inverno e da sua estada na montanha quando as neves brancas e puras a revestem da sua maior beleza.

A mulher apesar do seu avanço ha-de ser sempre escrava da Moda e ha-de ter sempre um pouco ou muito de snobismo, que é talvez, quem sabe, um dos seus maiores encantos.

Maria de Eça.



Walt Disney, o genial criador do Rato Mickey, decidiu lançar um novo tipo de desenhos animados, em que os personagens são esses pitorescos pássaros chamados pinguins.

Para esse fim mandou vir para os seus estúdios um bando dos curiosos animais cujos movimentos e atitudes foram durante dias cuidadosamente observados pelos desenhadores que trabalham sob as suas ordens.

As primeiras produções do género encontram-se já completas e prometem rivalizar em graça e originalidade com todas as películas de desenhos animados até hoje produzidas.

As gravuras acima reproduzem quatro cenas dum desses filmes em que a «verve» inesgotável de Walt Disney se manifesta exuberantemente.

ACTUALIDADES CINEMATOGRAFICAS



ENTRE Joseph von Sternberg e Mae West existia de há longo tempo certa antipatia que era do domínio do público. O célebre realizador não ocultava o seu desdém pela atriz a quem chamava «o maior bluff do cinema» e esta não o poupava aos seus sarcasmos.

A notícia de que o próximo filme de Mae West seria dirigido por Sternberg foi por isso recebida com grande estupefacção. E a curiosidade geral entrou em querer desvendar o segredo desta aproximação.

Sabe-se que a iniciativa partiu de Mae West. A despeito de quanto se tem dito, a conhecida artista deve ter sobre as capacidades do célebre realizador uma lisonjeira opinião. Espera por isso, e com fundamento, resgatar se dos seus últimos filmes que, duma maneira geral, têm sido maus.

Diz-se também que se Sternberg aceitou é porque teve em vista tirar desforra de Marlene Dietrich, que se recusa agora a trabalhar sob a sua direcção, depois de lhe ter devido toda a sua fortuna no cinema.

O que parece certo é que Mae West vai interpretar um novo filme dirigido por Sternberg. E o caso é de molde a despertar viva curiosidade.

Harold Lloyd encetou a realização dum novo filme, cuja acção decorre num ambiente desportivo. O popular actor interpretará desta vez o papel dum jogador de «hockey» sobre gelo a quem sucedem as mais cómicas aventuras, mas que acaba por conquistar para o seu «club» uma inesperada e retumbante vitória.

O argumento do último filme de Greta Garbo foi extraído duma novela de Somerset Maugham que se conta em poucas linhas.

Katrin, uma mulher sensível, casa-se com um médico inteiramente devotado à sua profissão, e acompanha-o à China, onde ele se dedica a importantes estudos. Absorvido pelo seu trabalho, o médico não dedica a sua mulher o carinho e a atenção que ela poderia esperar. E sobrevém o inevitável adultério.

Quando o marido descobre o que se passa, Katrin procura um refúgio junto do amante. Mas este é casado e não lhe agrada que a aventura tome um carácter mais grave. Deste modo, só resta à esposa adúltera voltar para junto do marido e solicitar-lhe o perdão. Mas o médico só accede em recebê-la para a levar para o interior, onde lavra uma terrível

epidemia de cólera, certo de que esta será a morte de ambos.

A sorte não confirma, porém, estas sombrias previsões. Ambos escapam à terrível doença e o amor renasce entre eles.

Greta Garbo contracena neste filme com dois actores de grandes recursos, Herbert Marshall e George Brent.

Vem a propósito citar um curioso episódio a que a apresentação deste filme em Inglaterra deu lugar:

Nas primeiras cenas, Greta Garbo aparece como uma rapariga sorridente, alegre, desafectada. Alguns exibidores que negociavam o aluguer do filme manifestaram a sua estranheza e um deles foi ao ponto de aventar:

— Não é ela. Greta Garbo não ri assim. Serviram-se dum «duplo».

E o boato espalhou-se de tal modo que foi preciso mandar vir de Hollywood um atestado em como era realmente Greta Garbo, e só ela, quem interpretou o filme. Só assim os exibidores londrinos se decidiram a incluir o filme nos seus programas.

Vai correr em breve os cinemas de todo o mundo um filme realizado pela expedição que, sob o comando do professor Dyrenfurth, efectuou no ano passado a ascensão do Himaláia.

Fizeram parte dessa arriscada expedição à mais alta montanha do globo diversos cineastas entre os quais, Andren Marton, Gustav Diessel e três operadores. Em 45 dias foram impressionados 20.000 metros de película.

Conforme se tinha proposto a expedição escalou os picos «Queen Mary» e «Golden Throne», situados a uma altitude de, respectivamente, 7.750 e 7.500 metros.

Para lá chegar, os exploradores lutaram com as maiores dificuldades. O clima não foi por certo das menores. Naquelas regiões desérticas as variações de temperatura atingem por vezes 85 graus centígrados. Além disso, a rarefacção do ar nas grandes altitudes torna penoso todo o esforço. Avalie-se por aqui a soma de sacrifícios que representou a escalada com todo o complexo material de filmagem.

A expedição teve ainda a sorte de entrar na cidade santa de Lamajuro, no interior do Tibet, onde pôde fotografar os templos dedicados a Buda, as suas relíquias e as danças rituais.

Marian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack trabalharam durante muito tempo juntos e produziram alguns filmes notáveis entre os quais se podem citar «Chang» e «As quatro penas». Depois realizaram «King-Kong» e separaram-se, não se voltando a ouvir falar deles.

Surgem agora de novo associados e com um projecto interessante. Vão filmar «Os últimos dias de Pompeia», segundo o popular romance de Bulwer-Lytton. Eis o que um deles declarou sobre o assunto:

«É costume quando se trata de Pompeia pensar só na erupção do Vesúvio. No nosso filme, o Vesúvio não será mais que um dos numerosos espectáculos sensacionais. Esperamos, fazer qualquer coisa de novo no género».



Reconstituição da batalha de Wairloo, em «Wellington, o duque de ferro»



tivesse protegido, a tivesse ajudado a desenvolver e em vez de ir desperdar em novas casas ajudasse a desenvolver esta obra, que não lhe traria êsses desgostos e desilusões, que a sua inexperiência lhe fez sentir, porque o pessoal já habilitado por muitos anos de exercício, lhe daria a miséria da maioria das crianças da cidade.

E assim em vez de haver duas obras, que lutarão ambas com dificuldades, ficaria uma só obra forte e durável e que melhor poderia entender a sua proteção à criança que tanto necessita dela. Mas como a ilustre poetisa muito bem diz, entre nós cada um vive obcecado pela sua própria ideia ou obra e nenhum interesse tem pela obra e ideias dos outros.

Ao ler há dias no "Diário de Notícias, uma carta da senhora D. Fernanda de Castro, sobre a sua obra "Parques Infantis, lembrei-me ter em tempos num artigo meu, que provavelmente a distinta poetisa não leu ter-lhe falado de todas as dificuldades que a sua obra lhe traria. A sua imaginação de poetisa tão compreensível na alma sensível de quem faz versos, a sua fantasia de imaginativa fazia-lhe ver a casinha azul, os jardins floridos, as crianças lindas brincando entre alegres risadas.

Depois dum trabalho que só quem já esteve metida em obras de beneficência pode avaliar, dum dispêndio de energia, de tempo, de paciência, conseguiu esta senhora ver funcionar o seu primeiro Parque Infantil.

Situado num dos mais lindos pontos da capital, lá estava a casinha azul, lá estavam os jardins floridos e rutilantes de sol, mas... há sempre um mas, em tudo nesta misera vida, as criancinhas nem todas eram lindas, nem todas riam com alegria, nem todas tinham comido faltando-lhes o necessário alimento, que dá a vida e a alegria às crianças e muitas delas traziam em si o germe de doenças contagiosas.

Foi o primeiro duche de água gelada nas ilusões da poetisa envolvida em sonho, foi o primeiro choque com a realidade brutal, que fez sangrar o seu maternal coração, e que lhe fez ver a dificuldade da sua obra e o dinheiro que é preciso para manter uma obra daquelas.

Na ocasião em que se começou a falar em "Parques Infantis, e em que escrevi o artigo a que mais acima me refiro, lembrei que seria mais vantajoso em vez de criar obras novas, ajudar e levantar as existentes, que já estão lutando com dificuldades e a obra a que eu me referi então e que é uma das mais interessantes é a dos Jardins Escolas João de Deus.

Obra dum espírito imortal de poeta como foi João de Deus, posta em prática pela energia e tenacidade de seu filho o Dr. João de Deus Ramos, é uma das mais perfeitas obras desse género que há entre nós.

Como teria sido interessante que o espírito duma poetisa se encantasse com esta obra, a



PÁGINA SFEMININAS

e antes haja várias obras dispersas do que nenhuma, e, por isso só desejamos que o Parque Infantil prospere e consiga impor-se como o Jardim Escola tem feito apesar das muitas dificuldades com que tem lutado.

O que é necessário é que a criança pobre tenha assistência e educação e que assim o nosso povo volte a ser forte e saudavel, e, se torne civilizado e educado, como tanto precisa ser. Mas essa educação tem de vir de cima e a melhor maneira de a importar é demonstrar pela união de todos e pela concordância em fazer o bem, que as camadas superiores e intelectuais estão aptas a educar.

Maria de Eça.

A Moda

A moda apresenta-nos os mais belos modêlos. Sobretudo em peles a mulher encontra hoje tudo o que pôde desejar. Nada há que torne a mulher mais encantadora de que uma bonita pele. E a mulher sabe tão bem o quanto é embelezada pelo uso duma rica guarnição de peles, que desculpa o frio e os incomodos que lhe traz, só com a ideia que lhe dá o pretexto de se envolver graciosamente num lindo abafó que lhe dá o gracioso aspecto duma patinha friorenta.

Damos hoje um lindo modêlo de vestido de inverno guarnecido a uma das mais ricas peles. «Mink» é a pele da moda.

O vestido em lá castanha «crepelée» da côr das castanhas do Brasil, tem uns punhos que formam regalo na preciosa pele. Muito simples de corte com Incrustações na parte superior, que lhe dão o maior interesse, tem um cinto em metal dourado que lhe dá a bem marcada nota, da moda dêste inverno. Como abafó uma capa em «Mink», que fecha com duas longas pontas.

Completa a «toilette» uma graciosíssima toque em «Mink», guarnecida com um prego em ouro. As toques em pele estão em grande favor êste ano.

Nada mais confortável de que uma capinha de pele, quando se está jantando numa corrente de ar, desgraça que freqüentemente acontece num jantar de convite. Ela preserva-nos dêsse ar gelado, que estraga toda a beleza e torna-se um belo complemento a qualquer «toilette» de noite, especialmente se for de verdadeiro arminho, como o modêlo que hoje damos. As peles dum branco ideal estão maravilhosamente trabalhadas.

Para quem não pode ter uma capa em arminho pode substituir pelo «rasê» que, se não tem o valor e a beleza do arminho, faz muita vista e um belo efeito à noite.

Cansadas da pouca variedade esperamos sempre um modêlo novo, qualquer coisa que seja uma novidade, graciosa e bonita. É isso que nos oferece este lindo vestido ás riscas em preto e branco. De setim, a sua forma tem a simplicidade, que exige o vistoso do tecido, que fatalmente tem de dar nas vistas. Para uma «silhouette» delgada e esbelta está indicado como uma das mais graciosas novidades.

A mulher de hoje não cuida apenas da elegância da sua «toilette» exterior, a «lingerie» preocupa-a muito e com justificados motivos para não dar razão ao nosso antigo ditado «por fora cordas de viola, por dentro pão bolorento». Damos um lindo modêlo em «voile triple» rosa

pálido guarnecido com um lindo encaixe em renda creme. O casaquinho que a acompanha tem uma pele, que aperta junto ao pescoço e é



feito nos mesmos têcidos, que a camisa fazendo de «leuseu». É um conjunto da mais alta elegância.

Higiene e beleza

O tratamento das unhas é uma coisa importantíssima, á qual sobretudo nos últimos tempos se presta a maior atenção; mas ha tratamento e tratamento.

Ha muitas senhoras que pensam que as suas unhas estão uma beleza, quando as afiaram como punhais de aspecto perigosissimo, e as pintaram dum vermelho intenso. Mas o resultado desse sistema é tornar feias as mais lindas mãos. Eis o que se deve fazer: Antes de mais nada

põem-se as mãos de mólho em água morna e sabão. Isto limpa e amolece. Toma-se depois um pouco de algodão envolva-se num palito e, molhando em azeite afastam-se com êle as peles em volta das unhas. Enxugam-se bem as mãos e limam-se as unhas, mas não muito compridas, nem muito agudas, devendo dar-se-lhes uma bela curva. Com uma lima de aço passam-se as pontas asperas. Depois com um algodão molhado em água oxigenada branqueia-se a pele debaixo das unhas e applica-se por fim um verniz rosa pálido, ou ainda melhor uma pasta que dê brilho ás unhas, um brilho natural que as torna muito bonitas. As unhas espalhafatosas nada dão de beleza ás mãos, antes pelo contrario.

Usos e costumes

O uso de chamar á ribalta as artistas no fim dos actos, tem uma origem muito mais recente do que se imagina.

Esta origem — escreve «Le Journal» — foi precisamente em 1743. Foi então que depois da primeira representação da «Mérope» na Comédie Française, se verificou um facto totalmente novo para o teatro, a plateia entre grandes aclamações, chamou o auctor da peça para que se apresentasse a receber as manifestações de reconhecimento, que o público lhe queria tributar, pela satisfação que lhes tinha dado. Procurou-se por toda a parte o autor da peça, Voltaire, mas por muito tempo não foi encontrado.

O célebre autor não estando costumado a receber tão numerosas ovações ao principio assustou-se não sabendo que significado teriam. Finalmente Voltaire foi descoberto num camarote e levado em triunfo entre delirantes aclamações. O costume estava imposto e de aí por deante autores e actores eram chamados sempre que agradavam.

As côres e a saúde

O professor Frederico Opphencin, da Academia Bacteriológica de Berlim, numa conferencia feita aos seus alunos, demonstra cientificamente, que os doentes de tísica devem afastar por completo os vestidos escuros e especialmente as côres vermelha amarela e negra, que impedem a passagem dos raios bactericidas.

Aconselha os tísicos a usar vestidos, que deixem passar o maior número de raios quimicos, porque os luminosos têm sobre a pele dos doentes uma forte acção.

Diz o eminente sábio que a côr que melhor absorve os raios quimicos é o branco, depois do branco são aconselhadas o roxo e o lilaz, ainda que estas duas côres interrompem todos os raios do espectro solar excetuando os correspondentes á sua côr.

A seda tem de ser posta de parte em absoluto. É pois necessário que os doentes tenham conhecimento da maneira como se devem vestir, para melhorar o seu estado, O branco, a côr que melhor resultado lhes dá, é uma côr alegre e bela.

Receitas de cosinha

Torta de queijo: 1.º Tomem-se 250 gramas de queijo flamengo ou branco, bem escorrido; aperta-se dentro dum guardanapo, até lhe sair todo o líquido. Trabalha-se numa tigela de agata até que fique numa massa; depois mistura-se-lhe um decilitro e 1/2 de crème; 125 gramas de assucar em ponto, meio de assucar de baunilha ou assucar de laranja, uma pitada de sal fino, 2 colheres de manteiga derretida e 2 ovos batidos como se fossem para uma omelette. 2.º Com 300 gramas de massa própria para torta, forma-se um círculo que se barra com manteiga; deve ter 26 centímetros de diametro; colocando a massa acima das bordas duma torteira, guarneece-se com a composição preparada e semeiam-se por cima alguns bocados de manteiga; e coze-se em forno de bom calor, durante 40 minutos. Cerca de 6 minutos antes de se tirar a torta do forno, salpica-se a superficie com assucar em ponto para formar uma camada caramelizada. Come-se quente ou fria.

De mulher para mulher

Anilhas: Os casacos de pele usam-se sempre e quando o frio aperta verdadeiramente nada ha que os substitua. São muito graciosos os barretes russos e ficam muito bem com as peliças.

As violetas são sempre encantadoras e para as flores não ha modas.

Litro do Vale: Para tornar agradaveis esses longos serões de provincia, de que tão amargamente se queixa, reuna em sua casa as amigas de que fala e trabalhem para as creanças pobres, verá que não lhes parecem tão longas e fazem uma obra util.

Judia errante: Deve na verdade ser muito interessante visitar a Suecia no inverno, mas não o faça sem consultar o seu médico; é uma mudança muito grande de clima e pode prejudicá-la. Se fôsse obrigada a fazer essa viagem era diferente, mas sendo uma mulher de recreio achá que se deve acautelar de mais a mais sendo fraca.



DICIONARIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

APURAMENTOS

N.º 18

PRODUTORES

QUADRO DE DESTAQUE

VIDALEGRE

N.º 8

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

BISNAU

N.º 9

OUTRAS DESTAQUES

Justa, n.º 4 — Efonsa, n.º 7 — Africanista, n.º 10

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 10 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávo, Cantante C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso, So-Na-Fer, Ti-Beado.

QUADRO DE MÉRITO

Sonhador, 8 — João Tavares Pereira, 7.

OUTROS DECIFRADORES

Lisbon Syl, 4

DECIFRAÇÕES

1 — Arcário. 2 — Saúde. 3 — Enfunado. 4 — Precito-prêto. 5 — Visiva-viva. 6 — Ramo, mamo, rimo, rapo, rama. 7 — Têmpera. 8 — Mandam. 9 — Eulália. 10 — Cada um dá do que tem.

MEFISTOFÉLICAS EM PROSA

1) Estou na *pêgada* da *mancha* feita pelo «*frulô*». (2-2) 3.

Coimbra *Gisita* (C. C. C.)

2) Num *lugarejo* qualquer não é preciso *correr* com grande *rapidez* para *encher* o caminho de pó. (2-2) 3.

Coimbra *John Biffe* (C. C. C.)

NOVÍSSIMAS EM PROSA

3) Ter *subjugado* a *vontade* é o mesmo que viver *sem liberdade*. 4-2.

Lisboa *Bisnau* (T. E. — S. C. L.)

4) Uma pessoa *escrupulosa* de *vontade* procede sempre *timidamente*. 4-2.

Lisboa *Lérias* (T. E. — S. C. L.)

SINCOPADAS EM PROSA

(A todos os confrades da T. E. L.)

5) Vocês explicam-me com *facilidade* o que sabem da «*constelação do norte*»? 3-2.

Lisboa *Africanista* (T. E. L.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 27

6) *Limite suave!* 3-2.

Lisboa *V. Lilds* (T. M.)

7) *É grosseiro* este «*casal*». 3-2.

Lisboa *Fernambelo*

8) Tiro o *chinô* de *noite*. 3-2.

Lisboa *Leibarg* (T. M.)

SINCOPADA EM VERSO

(A propósito das festas de 15 de Agosto)

9) A maior *façanha* dos portugueses, A quando da *restauração* de Angola, Foi terem *fechado* os holandeses Num *subterrâneo*, ou *gaiola*. Estes tremendo *surra* apanharam E nunca mais nos incomodaram. — 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

METAGRAMA EM VERSO

10) A tua *cara*, morena, Besuntada de *açafrão*, Causa dó e faz-me pena E até mesmo *irritação*.

Tu passaste à *minha* porta, E no chão fizeste *cova*... Quem me dera *ver-te* morta Com uma *tremenda sova*...

Que o teu amor não tem fim... Desculpa, mas não acredito...

Perdes bem o teu *latim*, Ou *geras* algum *confito*...

Gira a *Lua* lá no céu Jorrando *raios* de *prata*. Faz lembrar o *olhar* teu, Esse *olhar* que só me mata!

Bailem *môças*, bailem *môças*, Lá no «*largo*», *radiantes*... Sejam sempre *assim* as *vossas* *Mocidades* *inconstantes*...

Lisboa *Trombone de Varas*

NOVÍSSIMAS EM VERSO

(Com sobrescrito para a gentil Sarinha menina ultra-moderna.) Ao ilustre charadista «*Jobema*».

11) Imitações do estrangeiro... Unhas, *face*, os *lábios* pintados. E entre os *dedinhos* rosados Um *cigarinho* *bregeiro*.

O seu *colo*, *albirosado* Outr'ora, *hoje* é *trigueiro*: Do sol de *Agosto* ao *braseiro* Pós-se à *moda*: é *bronzado*...

Brasos *nus*, o *seio* e a *perna*... Crê que *assim* mais a *requesta*... O *homem*, a «*mulher*» *moderna*. [— 2]

E *erra*... A *nudez*, o *artifício* Mascaram a *dama* *honestas* Em *sedutora*... de *ofício*.

Lisboa *Braz Cadunha*

LOGOGRIFOS

12) Tenho *pena* de mim mesmo. [— 5-6]

De muita gente *também*; — 4-3-1 Pena de *viver* a *esmo*, Sem *carinhos* de *ninguém*...

As *mais* das *vezes*, eu *canto* Com *vergonha* de *chorar*! Cantando *estrangulo* o *pranto* Já *prestes* a *ressumbrar*... — 2-1

Eu tenho «*um*» *pesar* *comigo* — 2-6 Que me *enoita* o *coração*: É *saber* que *não* *consigo* Dar *amplitude* ao *postigo* Da *minha* *humil posição*!

V. S. Pôrto-Bié *Efonsa*

ENIGMAS EM VERSO

(A Ela...)

13) Se *fores* *minha* *amada* *passar* Algum *dia* a *Viana* do *Castelo*, *Verás* que *como* *aquel'* *cenário* [belo

Não há que se *lhe* *possa* *comparar*; E *caminhando* um *pouco* *pr'a* [diante

Nas *pontas* és *então* ó *minha* [amada Dos *rochedos* que *deitam* *para* o [mar,

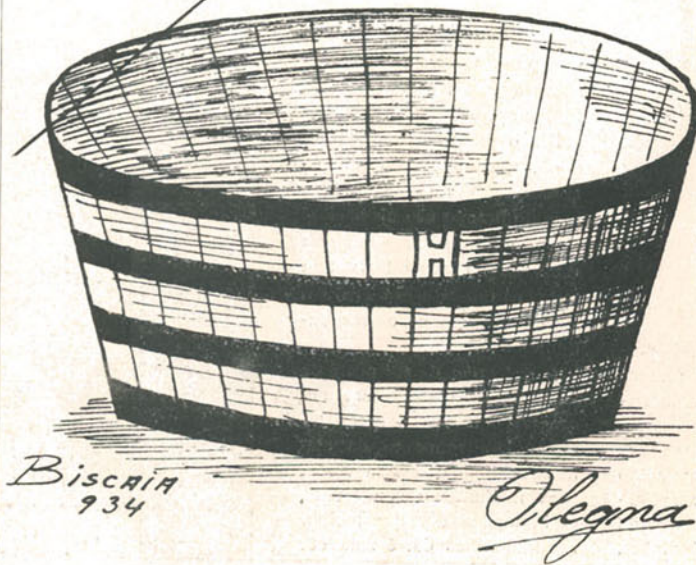
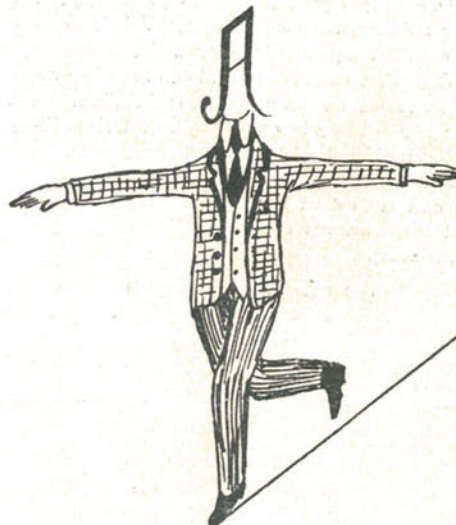
No *meio* não *havendo* a *separar* De *muros* um *pouquinho*, *um* [quasi nada,

Mas *sim* uns *simples* *traços* de [mareante.

Lisboa *Olho de Lince* (T. E. — T. E. L.)

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

14) ENIGMA PITORESCO



A chegada ao Tejo do novo submarino «Delfim»

ENTROU no Tejo, no passado dia 15, mais uma unidade destinada à Marinha de Guerra Portuguesa — o novo submarino «Delfim».

A chegada deste navio de guerra, dotado dos mais modernos aperfeiçoamen-

tos, constituiu um verdadeiro acontecimento e animou durante algumas horas a vida do rio. A chegada deste navio de guerra, dotado dos mais modernos aperfeiçoamen-



EM CIMA: a tripulação alinhada na tólda. À ESQUERDA: a oficialidade do novo submersível

toques de continência e as tripulações formaram nas tóldas. Os dois submarinos avançaram em seguida

-se então para bordo do submarino onde felicitou efusivamente o seu comandante sr. Silva Moreira.

Vem a propósito dizer que o «Delfim» é o primeiro submarino que sai dos estaleiros onde foi construído para o estrangeiro sem levar a bordo um técnico inglês. E' este um facto que honra a competência dos marinheiros portugueses e que é grato registar.

Com a chegada do «Delfim» fica a Armada portuguesa dotada com um submarino de primeira classe, do último modelo. O poderoso submersível mede 74 metros de comprimento e está armado dum canhão de 100^m/m que pode atingir a 18 quilómetros.

tos, constituiu um verdadeiro acontecimento e animou durante algumas horas a vida do rio.

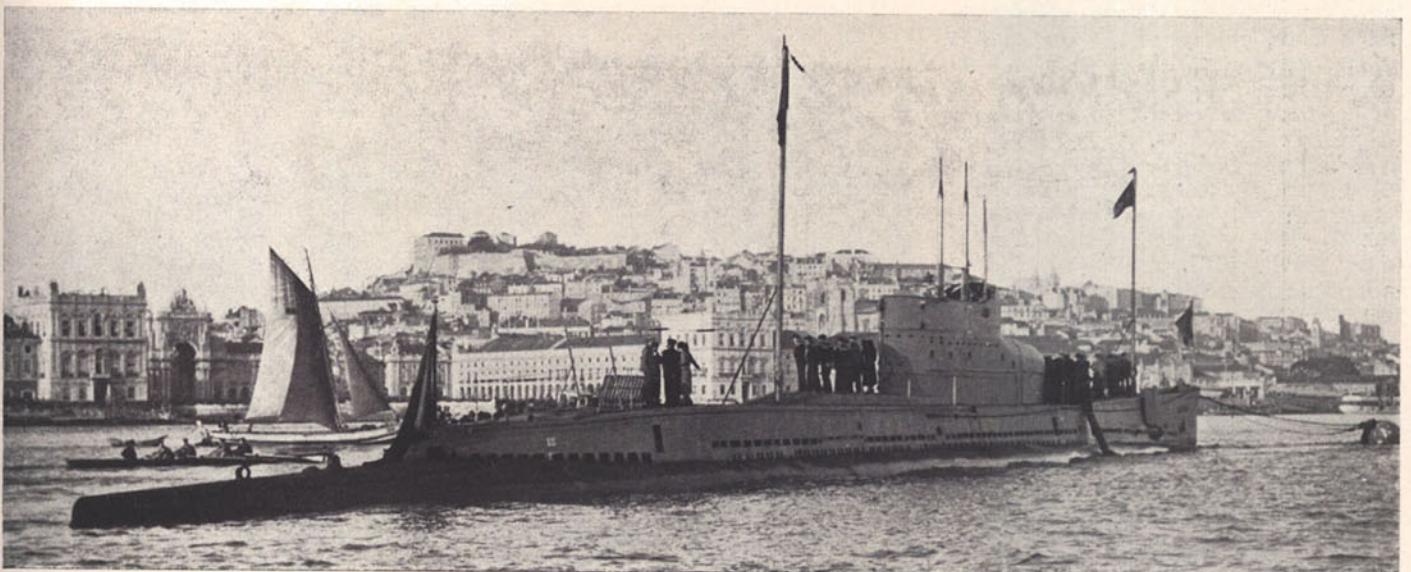
Ao encontro do «Delfim» saíram o «Hidra», o último dos nossos submarinos ainda em serviço, cinco hidro-aviões da base da Aviação Marítima do Bom Sucesso e diversas embarcações.

Em frente do Cabo Raso o «Delfim» passou em frente do «Hidra». Soaram

guerra ancorados no porto embandeiraram nos topos. Pouco depois o «Delfim» passava em frente deles e ia amarrar á boia. Nessa ocasião a velha fragata «D. Fernando» deu uma salva de 21 tiros.

O sr. ministro da Marinha, acompanhado por diversas individualidades dirigiu-

O «Delfim» no momento de amarrar á boia em frente do Terreiro do Paço





A publicação do decreto que estabelece oficialmente as condições de construção do prometido Estádio Nacional, foi recebida pelo meio desportivo com o agrado que sempre desperta o aparecimento dum facto há muito ardentemente desejado.

O desporto português tem lutado, nos seus esforços de progresso e desenvolvimento, contra a insuficiência aniquilante de recursos materiais, a penúria de instalações, quando não ausência completa de locais apropriados. Não se compreende que em Lisboa não exista uma pista capaz para atletismo, nem tenhamos ainda um campo relevado para a prática do futebol.

Muitos dos nossos fracassos internacionais, a modéstia dos "records", e o declínio de certas especialidades, não precisam de outra explicação.

O Estádio Nacional, construído em moldes modernos, deve ser considerado como um precioso elemento de progresso, e festejado pela gente desportiva como dia grande aquele em que tiverem início os seus trabalhos de construção.

O Governo da Nação entendeu que devia prestar o seu concurso ao grande movimento de ressurgimento social, moral e físico, que constitui a prática dos desportos, generalizada em todo o País numa forma avassaladora e irresistível, graças aos esforços até hoje desajudados da iniciativa particular.

É justo relembrar nesta hora que foi o Congresso dos Clubes Desportivos que chamou a atenção dos altos poderes do Estado para a expansão desse formidável movimento e para a prometedora actividade da mocidade portuguesa nos campos atléticos, apresentando em paradas pelas artérias da capital alguns milhares de rapazes e crianças, cuja presença no Terreiro do Paço deu força e legitimidade às conclusões entregues ao sr. Presidente do Conselho.

Desde esse dia, o dia da primeira promessa do dr. Oliveira Salazar, "Ilustração" tem acompanhado com interesse

a evolução do problema e já tivemos oportunidade para fixar nestas páginas qual a nossa opinião.

O decreto agora publicado estabelece já doutrina concisa sobre as condições de edificação do Estádio; e parece-nos interessante arquivar os considerandos que precedem do articulado.

"Em princípios do ano findo resolveu o Governo incluir no seu programa de realizações, a construção do Estádio de Lisboa, dando assim satisfação a uma velha e justa aspiração da mocidade das escolas, oficinas e escritórios da capital do País.

Para que tudo fôsse feito em obediência a uma orientação bem definida, começou o Governo por nomear uma comissão para delinear o programa das construções a projectar.

Entregou a Comissão os seus trabalhos no prazo que lhe foi determinado, enunciando os princípios que julgou deverem ser considerados no projecto do Estádio, pelo que respeita aos seus elementos componentes, arranjo interior, lotação, área e acessos. Apresentou também algumas sugestões referentes à localização do



Os ciclistas que tomaram parte na excursão a Sintra organizada por «Os Sports»

QUINZENDESportiva

Estádio, tôdas elas no sentido da sua implantação a oeste de Lisboa, pronunciando-se com mais interesse por uma solução destinada a promover paralelamente a valorização da Torre de Belém, e uma ligação fácil ao polígono florestal da Serra de Monsanto.

A localização do Estádio é problema difícil de resolver, já pelas múltiplas exigências a que devem obedecer os terrenos, já pela facilidade de comunicações que convem assegurar, e ainda pela sua posição e distância relativamente à cidade.

Ora, já então, o Governo ordenará que fôsse elaborado um plano de urbanização de toda a região a oeste de Lisboa, entre a Torre de Belém e Cascais, e, assim, julgou aconselhável encorporar nesse estudo o da conveniente localização do Estádio de Lisboa.

Devendo o plano da urbanização em estudo prever grandes artérias de ligação da Costa do Sol à cidade, estava naturalmente indicado incluir nesse plano de conjunto o Estádio, assegurando-lhe uma posição que satisfizesse quanto possível às condições óptimas que a técnica especial destas construções requer.

A pesar da cerrada argumentação do documento, cuja parte principal reproduzimos, o nosso critério não sofre alteração e continuamos afirmando não ser a parte oeste da cidade aquela que melhores garantias oferece para edificação do Estádio e seu integral aproveitamento.

A mocidade das escolas, cuja vida de estudo decorre no extremo oposto da cidade, fica praticamente impossibilitada de frequentar as instalações do Estádio pois o tempo perdido na viagem de ida e regresso não deixaria disponibilidades para uma prática suficiente de qualquer exercício.

A nossa opinião, sancionada de resto pela opinião pública, preferiria terrenos para as bandas do Campo Grande, com um acesso fácil já assegurado, a muito

menor distância do centro activo da cidade e no mesmo bairro da futura cidade universitária.

Também um outro reparo nos merece o projecto oficial, no que se refere à capacidade da arena em elaboração. Edificar em Lisboa um Estádio para trinta mil pessoas é ignorar o desenvolvimento popular já adquirido pelo desporto, levantando uma obra que à primeira grande manifestação internacional se mostrará insuficiente.

Não é tarde ainda para ponderar todos estes pormenores de importância fundamental, para os quais chamamos a atenção dos Poderes Oficiais, que devem documentar-se, antes de agir, junto das entidades desportivas dirigentes que lhe podem fornecer dados concisos para julgamento das necessidades exactas do meio.

■
Ao encontro Pôrto-Lisboa, em futebol, assistiu no Lumiar o sr. Presidente da República, tendo a seu lado um membro do Governo e representantes da Câmara Municipal.

Estes últimos associaram-se directamente à manifestação, descendo ao terreno a medalhar os jogadores e pronunciando o vice-presidente da vereação, sr. major Salvação Barreto, antigo jogador de futebol do velho Internacional, algumas palavras para o público, espalhadas pelos alto-falantes em campo.

As afirmações do ilustre representante municipal não podiam ser mais concretas e completam perfeitamente os sintomas de interesse por outro lado manifestados nas esferas governativas do País.

Por seu intermédio assumiu a Câmara o compromisso formal de quebrar o alheamento costumado em relação às actividades desportivas, dispensando mais largo apoio moral a tôdas as iniciativas que procurem desenvolver a preparação física da mocidade lisboeta.

Ficam em nosso espírito gravadas estas palavras na certeza absoluta do seu cumprimento; melhores dias esperam, enfim, o desporto português, que há tanto vem lutando isolado contra a rotina, a



indiferença e a ignorância de quem tinha por dever formal auxiliá-lo e dar-lhe alento.

■
Concentram-se as atenções de toda a gente desportiva sobre a nova prova do futebol que, sob o nome de Campeonato da Liga, se desenvolve agora em todo o País. O torneio reveste-se realmente de maior envergadura do que os simples encontros regionais e dele esperam os técnicos e dirigentes bons serviços para a propaganda e progresso do jogo português.

Parece-nos sensata a expectativa e formulamos votos pelo êxito popular da competição que, trazendo pesados encargos, não pode viver sem o interesse do público.

Dos restantes jogos de inverno apenas o handball e o basket mostram uma actividade agradável, um e outro seguindo em escala ascendente no conceito do meio. O handball lisboeta, após a sua reabilitação no segundo encontro contra o Pôrto, que venceu honesta e brilhantemente, prossegue na disputa do seu campeonato, emotivo e atraente pela igualdade de forças dos competidores, a tornar incerto o resultado final. O basket,

fortalecido moral e materialmente pela solução do conflito que o dividia, prepara-se para receber em Lisboa a equipa nacional francesa, sem dúvida a mais forte da Europa.

As outras modalidades vegetam; o rugby já deu por findo um campeonato sem lustre nem valor técnico, e mantém uma actividade espasmódica, alimentado artificialmente pela tenacidade de alguns fanáticos e pela dedicação do Gimnásio Club Português. Que cada vez se joga menos, é facto inegável, e não cremos que a modalidade consiga restabelecer-se do mal orgânico que lhe mina as forças.

Pior ainda é a situação do hockey em campo, que não deu até agora sinal de vida e parece atravessar uma crise total, desde os dirigentes aos praticantes.

Finalmente o atletismo de inverno continua cumprindo o seu programa, tendo nesta quinzena sido disputado o clássico Grande Prémio de Lisboa, traçado nos terrenos do Jockey, merecendo ser considerado uma das provas mais populares e que melhor propaganda procura ao desporto da corrida.

A assistência foi numerosa e os participantes empregaram o seu melhor esforço, dando à corrida um interesse constante. Se não demonstraram ainda uma forma perfeita, o que não deve causar pasmo num princípio de época, os nossos especialistas conseguiram animar o público, que aplaudiu com justiça a bela vitória de Adelino Tavares e do Sporting.

Manuel Dias, o campeão do passado, repetiu a má exibição anterior, agravada desta vez por uma desistência resultante de esgotamento; a compensar esta baixa importante, registemos a ascensão agradável de alguns novos de classe.

Um aspecto do «Pôrto de Honra» oferecido pela direcção do A.C.P. aos concorrentes do «Rallye» de Monte Carlo que partiram de Lisboa

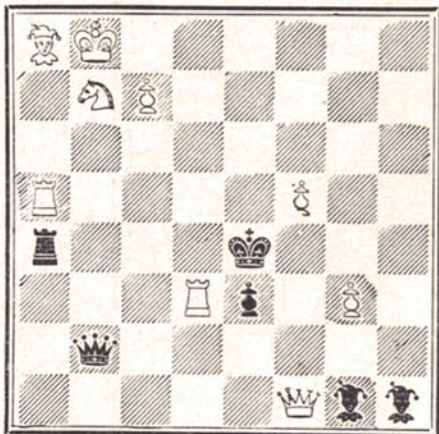
Salazar Carreira.

Xadrez

(Problema por A. Eilermann)

Brancas 9

Pretas 6



Jogam as brancas: Mate em dois lances.

Bridge

(Problema)

Espadas — 6, 4, 3.
Copas — D., 8.
Ouros — D.
Paus — 10.

Espadas — — — — — **N** Espadas — 8, 2.
Copas — Az, 9, 7. **O E** Copas — R., 10.
Ouros — 9, 8, 6. **S** Ouros — 2.
Paus — D. Paus — Az, V.

Espadas — — — — —
Copas — V., 6, 4.
Ouros — V., 7, 3.
Paus — 4.

Sem trunfo. S é mão. N e S devem fazer duas vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o Az de paus e a seguir o quatro de espadas. N cobre e joga trunfo e S balda-se ao

FIM DE FESTA

Az de espadas. N joga, em seguida, o dez e o oito de espadas e S balda-se conforme as baldas de E. Isto obriga O a dar a S ou três ouros ou dois ouros e uns paus.

Se, para tentar impedir isto, O jogar o seu nove de espadas sobre o dez, então N fará a vasa de oito de espadas, dará depois, a mão a E jogando paus e dessa forma S fará duas vasas de ouros.

Xadrez histórico

Realizou-se, ultimamente, em Austerlitz, uma curiosa exposição de recordações napoleónicas.

Entre os objectos ali exibidos figurou um jogo de xadrez com o qual o imperador se distraía em Santa Elena.

Esse jogo fóra enviado a Napoleão por um dos seus fieis marechais, mas o portador morreu durante a viagem, e por isso, o exilado nunca soube que as peças do jogo eram ôcas e continham um plano de evasão sábiamente estudado, porque, para evitar indiscrições, apenas o portador conhecia êsse segredo.

Esse jogo pertence actualmente à condessa Pobologne que o comprou em um leilão e descobriu o segredo por acaso.

Palavras cruzadas

(Solução)

A	T	A	D	O	G	A	N	T	A
S	I	N	O	G	R	U	I	M	
N	Ã	O	D	O	N	A	N	Ã	
O	S	A	L	A	A	R			
S	C	A	E	A	D	A			
B	A	F	O	A	B	I	O		
N	L	Ã	J	C	A	R			
A	S	J	U	S	R	E			
N	E	M	E	I	A	G	A	S	
A	L	A	R	Z	F	U	R	O	
R	A	L	Ã	R	C	A	N	O	A

A conta de multiplicar

(Solução)

742
258

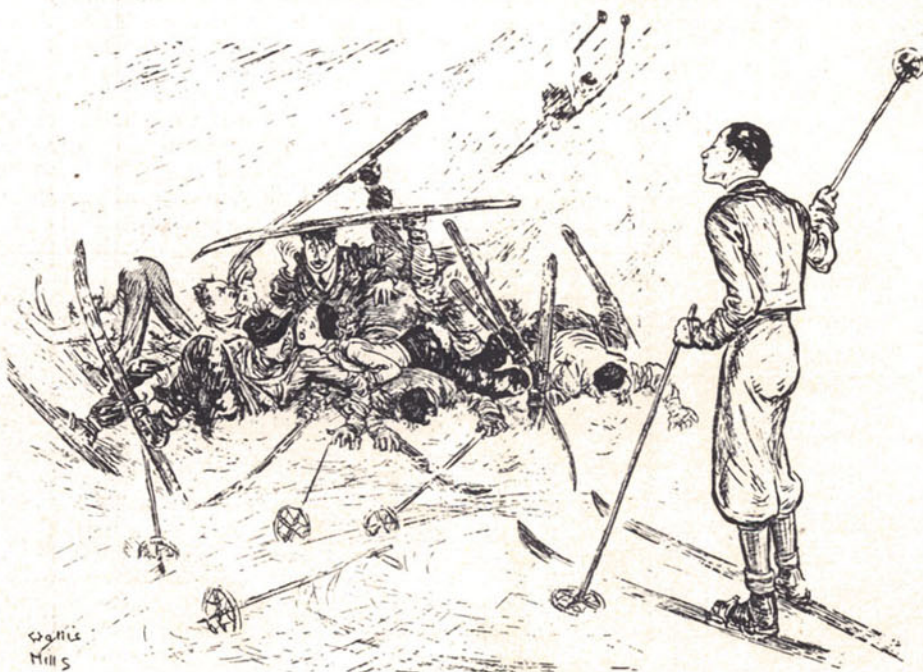
5956
2226
1484

176596

Sem levantar a pena do papel



Graça britânica



Lições de patinagem em skis

O instrutor: — E agora, façam favor, desembarquem-se uns dos outros, tornem a subir lá ao cimo e repitam a experiência.

(Do «Punch»)

Anedotas

— Já ouvi que vais casar. E a tua noiva é rica?
— Não é.
— Então, o que te decidisti a escolhê-la?
— É orfã... de mãe.

A senhora: — E vocemecê tem muitos admiradores, Maria?

A criada: Tenho só o senhor e o leiteiro. Mais ninguém.

— É isto que eu te digo. Meu pai não corta o cabelo há dois anos.

— Então, há-de tê-lo já, de um comprimento espantoso!

— Qual! É completamente calvo desde êsse tempo!...

Tio, desgostoso: — Estou resolvido a deixar toda a minha fortuna aos pobres e necessitados.

Sobrinho, gastador: — Deus lhe pague, tio. Eu sempre acreditei que me não deixava fóra do seu testamento!

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuiratra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemel. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Laerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina. 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Acceptam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Espiñada edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidissimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. 25\$00

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Serviço especial para o ALGARVE

na época das
AMENDOEIRAS EM FLOR
organizado pela C. P.

A C. P. efectuará tódas as semanas excursões «á forfait» ao Algarve com o seguinte programa:

1.º Dia – SÁBADO

Partida da estação de Lisboa T. P. às 9^h,05 (almôço no combóio). Visita em autocar a Silves e Caldas de Monchique. — Jantar e dormida.

2.º Dia – DOMINGO

Pequeno almôço. Passeio em autocar pela estrada de Sabóia, continuação para Portimão e Praia da Rocha (almôço), Lagos e Sagres. Regresso a C. de Monchique. Jantar e dormida.

3.º Dia – SEGUNDA-FEIRA

Pequeno almôço. Partida em autocar para Albufeira, Faro (almôço), Estoi, Olhão, Tavira, Monte Gordo e Vila Real de Santo António. — Jantar. Regresso no combóio 800.

Preço: 300\$00

(Combóio em 2.ª classe)

(Os excursionistas podem regressar isoladamente no combóio 800 de terça-feira, o que lhes permite aproveitar êsse dia para, a expensas suas, irem a Ayamonte.)

A inscrição está aberta no Escritório de Informações da Estação do Rossio.

As pessoas residentes na província é concedida a redução de 45% entre a estação da Companhia mais próxima da sua residência e o ponto em que se incorporem à excursão. Desejando inscrever-se devem dirigir-se à Delegação para o Turismo da C. P. Estação do Rossio, 1.º — com a maior antecedência.

BILHETES ESPECIAIS INDIVIDUAIS

Para quem não possa aproveitar estas excursões, criou a C. P. bilhetes especiais de ida e volta de Lisboa e Pôrto ao Algarve, a preços muito reduzidos, a saber:

De LISBOA, 1.ª classe 169\$00
2.ª classe 125\$00

Validade 10 dias

Do PORTO, 1.ª classe 316\$00
2.ª classe 228\$00

Validade 15 dias

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado	14\$00
ESPAÑA — Nova edição	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice: Viagens —</i> A caminho — Chegada — «Plazas y plazuelas; calles e callejones» — A Alcáçova da Saúde — As «Sabatinas» na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — «El greco» — En «San Juan de los Reys» — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta	226 págs., brochado
	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO Tipos e Cascs — 320 págs., brochado	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SUCESSO DE LIVRARIA

O homem dos mil segredos

ROMANCE

DE

ROCHA JUNIOR

1 vol. de 232 págs., com capa a
côres de *Stuart*, broch. **10\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a côres, por <i>Manuel de Macedo e Roque Gameiro</i> . 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato e Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Julio Berrilli</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de <i>Júlio Verne</i> . 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-550 págs. cada um com 24 grav. broc. ..	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guiomar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de <i>Rhadameh</i> ; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> , 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas côres; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de <i>Ribeiro de Carvalho</i> . 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, imprensa a côres, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de <i>Espanha</i>), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guiomar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos « <i>Bartek</i> , o vitorioso» e « <i>Lillian Morris</i> », trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cerca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e modas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Gujmarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

„ „ „ „ carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
..... — (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferências), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

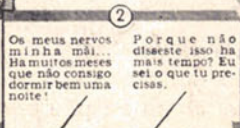
1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Como ela disse adeus à insónia

Noites após noites e o sono fugia-lhe... mas um dia aconteceu isto



A sua saúde e vitalidade... assim como a beleza do seu rosto... dependem principalmente dum sono regular e reparador. Mas nunca poderá gozar um sono natural se os seus nervos estiverem excitados ou cansados. O que lhe é necessário é tomar uma chavena de Ovomaltine antes do deitar.

Esta deliciosa bebida supremamente rica em alimentos restauradores — acalma rapidamente os nervos e o cérebro produzindo um sono tranquilo e reparador. E enquanto dorme, a Ovomaltine renova a sua energia e dá-lhe abundante vitalidade para o dia seguinte.

Qualidade acima de tudo—Exija

OVOMALTINE

restaurador natural do sono

à venda em todas as farmácias, drogarias e mercearias. Em latas de 9\$50, 18\$00 e 31\$00.

DR. A. WANDER S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.[^] (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41-2.^o — LISBOA

Ciêntificamente preparada com a mais fina qualidade de malte, leite e ovos, a Ovomaltine marca por si só um lugar. Tem-se tentado muitas vezes imitar a Ovomaltine, mas há sempre diferenças importantíssimas.

A Ovomaltine não contém açúcar comum para diminuir o preço em prejuízo da qualidade. A Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contém chocolate ou uma grande percentagem de cacau. Por todas estas razões a Ovomaltine é a suprema bebida alimentar para dar e manter uma saúde perfeita.